



**UNIVERSIDADE DE BRASILIA – UNB**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**CHRISTIANA DE BRENNER PILLA**

**OS CONTOS, AS LENDAS, AS FÁBULAS E OS MITOS COMO  
FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL**

**ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 2013**

CHRISTIANA DE BRENNER PILLA



OS CONTOS, AS LENDAS, AS FÁBULAS E OS MITOS COMO  
FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Monografia apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciado em  
Pedagogia pela UAB/UnB à distância.

Alto Paraíso de Goiás, março de 2013

PILLA, Christiana de Brenner, 1972. Os contos, as lendas, as fábulas e os mitos como ferramenta para uma educação integral / Memorial- Christiana de Brenner Pilla, Alto Paraíso de Goiás-GO, 2013. 107 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade aberta do Brasil,UAB / UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/ UnB-UAB

[Digite uma citação do documento ou o resumo de um ponto interessante. Você pode posicionar a caixa de texto em

**OS CONTOS, AS LENDAS, AS FÁBULAS E OS MITOS COMO  
FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL**

**CHRISTIANA DE BRENNER PILLA**

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Rosângela Azevedo Corrêa (Orientadora)  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Profa. Dra. Claudia Valéria de Assis Dansa  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Profa. Mtra Norma Lúcia Queiroz  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Dedico esse trabalho a meus pais in memoriam, que muito me ensinaram a respeito da integridade, da coragem e do amor incondicional, ensinamentos esses tão essenciais para a vida. Aos meus três filhos Pedro Uirá, Samadhi Jay e Violeta Luz que me fizeram entrar em contato profundo com as histórias que inspiraram o presente trabalho.

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço ao pai e a mãe celestial pela vida que me foi ofertada e pela condução para chegar onde estou; agradeço também ao meu pai e minha mãe aqui da terra, que hoje já não estão mais presentes e que muito me ensinaram sobre o quanto o mundo pode ser bom, belo e verdadeiro.

Gratidão a Deus, aos anjos por tamanho amor e proteção, ao plano divino por tudo que planejou para que eu pudesse trabalhar a seu serviço; gratidão à mãe terra, aos animais e plantas que muito ensinam sobre a compaixão e o amor. Sou grata por cada um que encontrei de alguma forma em minha vida e que atuaram como ferramentas para a ampliação da consciência e me ajudaram a encontrar o caminho certo. A todas as crianças.

Aos muitos educadores que cruzaram o meu caminho e que me deram inspiração e conhecimento acerca da vida e do conhecimento que fez sentido em minha evolução enquanto ser humano, com gratidão especial a duas professoras: a professora Luiza Lameirão, que através de suas sábias palavras as quais ela põe muito sentido, me mostrou um caminho para uma verdadeira educação integral, que leva em conta o ser humano e seus processos de desenvolvimento; suas palavras ainda reverberam intensamente em minhas atitudes ou reflexões sobre elas.

À professora Rosângela, minha orientadora, por possibilitar o florescimento desse projeto, por ter me guiado nessa jornada e me levado a desenvolver um trabalho de pesquisa que realmente fez sentido para a minha vida enquanto profissional, mãe e ser humano, ou seja, de forma integral.

Às minhas queridas colegas e amigas que estimularam e acompanharam essa jornada do começo ao fim. Rosângela, Sirleide, Indiah, Isabella, Dani e todas as outras. Um agradecimento especial à Dani, por sua equanimidade, empenho, amizade e dedicação e à Indiah, que tanto me inspira fazendo o olho das crianças brilharem com as suas narrações.

À toda a equipe da Vila Verde que apoiou o presente trabalho de pesquisa e prática em sala de aula. À Eliana (diretora e amiga) que durante o processo de dedicação a pesquisa e elaboração do TCC fez tudo que pôde para apoiar a causa.

A minha família, meu companheiro e meus filhos queridos que toda a noite me perguntam qual vai ser a estória da noite. Ao meu filho Pedro que me levou de volta para a escola e mostrou-me que essa pode ser prazerosa, cheia de arte, de beleza e de sentido.

As minhas Avós com seus exemplos distintos de amor, força e firmeza.

A minha irmã querida, por seu amor e cuidado.

Verdadeiros mestres...

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
PARTE I	
MEMORIAL.....	11
PARTE II-	
OS CONTOS, AS LENDAS, AS FÁBULAS E OS MITOS COMO FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL.....	39
RESUMO.....	39
INTRODUÇÃO.....	40
REFERÊNCIAL	
TEÓRICO.....	44
1.1-Sobre a metodologia utilizada para a realização da pesquisa.....	44
1.2-Definição de contos, lendas, mitos e fábulas.....	45
1.3-Sobre os contos.....	45
1.4-Sobre as lendas.....	48
1.5-Sobre os mitos.....	49
1.6 Sobre as fábulas.....	50



HISTÓRICO DA PEDAGOGIA WALDORF E SEU CRIADOR.....	50
2.1 Fundamentos da pedagogia waldorf.....	53
2.2 Primeiro setênio.....	54
2.3 Segundo setênio.....	56
2.4 Sobre o pensar, o sentir e o querer.....	59
2.5 Quadrimemoração.....	60
2.6 Sobre os temperamentos, a escolha das narrativas e as atividades relacionadas a elas.....	61
2.7 Currículo da escola waldorf em relação ao material narrativo, do primeiro ao nono ano.....	61
DESCRICÃO DA ESCOLA E DO CONTEXTO ESCOLAR.....	64
3.1 Fonte das narrativas, as atividades relacionadas a elas e análise de dados.....	67
3.2 Sobre as dramatizações.....	80
Considerações finais.....	90
Referências bibliográficas.....	93
Anexos.....	94

## PARTE III-Perspectivas

profissionais.....109

### **Apresentação**

A pesquisa realizada tem como objetivo buscar respostas que conversem entre si, alternando prática e teoria, ação e reflexão sobre a importância das narrativas no desenvolvimento da “criança escolar” e as contribuições dadas por essas enquanto prática educativa; a pesquisadora buscou embasar a realização desta à luz da pedagogia waldorf.

A realização da pesquisa e sua sistematização constam no presente trabalho de conclusão de curso (TCC), que é um dos requisitos para a conclusão do curso de pedagogia pela UAB/UnB, referente ao polo de Alto Paraíso de Goiás. No trabalho constam três partes, onde, na primeira parte encontra-se o memorial educativo, na segunda parte o problema da pesquisa, seus objetivos, referencial teórico, prática e conversa entre teoria e prática, análise dos dados, que no caso são desenhos, textos, relatos e observação em sala de aula e considerações finais e na terceira parte consta as perspectivas e projetos para o futuro enquanto pedagoga.

O presente trabalho aconteceu através da metodologia da pesquisa qualitativa, com observação participante, tendo tido a pesquisadora o papel de “observador como participante”.

## Memorial

Não tive como começar o meu memorial sem buscar algumas lembranças bem remotas, bem antigas.

Bom, vou começar pelo nascimento; sou a caçula de uma família com três filhos, duas meninas e um menino. Nasci em Porto Alegre, Rio grande do sul, no hospital moinhos de vento, como muitos que também nasceram lá, no ano de 1972.

Tem até uma música de uma autora que não lembro o nome, que fala:

Há muito tempo que ando

Nas ruas de um Porto não muito alegre

E que, no entanto, me traz encantos

E um por do sol me traduz em versos

Nasci chorando, moinhos de vento

Subir no bonde, descer correndo

A boa funda de goiabeira,

Jogar bolita e pular fogueira

64, 66, 68 mau tempo talvez

Anos setenta já deu pra ti

E nos oitenta eu não vou me perder por ai...”

Só para esclarecer, funda de goiabeira é o famoso estilingue; a goiabeira tem uma bifurcação perfeita e é muito forte, não quebra facilmente; bolita é biloca e essa música apareceu nos anos oitenta, quando eu tinha uns doze anos. Bom, eu também brincava com funda, jogava bolita, andava de calcinha e pés descalços brincando no meu bairro, que a época era estrada de terra e agora é uma grande avenida, andava de

bicicleta para todo o lado, sem medo e vivia em cima das árvores ou brincando com a minha amiga de infância, que também era minha vizinha. A gente também pulava muita fogueira nas festas juninas que aconteciam às vezes na rua, em frente à casa de alguém.

A minha primeira infância, dos zero aos sete anos foi maravilhosa; eu gostava muito de brincar, não tinha vídeo game, nem vídeo cassete, nem muito hábito de criança ficar vendo televisão durante o dia; o dia era para brincar sem parar. Às vezes, nas festas de aniversário o meu pai, que adorava uma novidade, tinha um super 8 que projetava filmes em uma tela ou lençol branco. Esse era o máximo da tecnologia.



**Da esquerda para a direita: Minha Mãe, eu, meu irmão, meu pai e  
minha irmã**

Nas férias, feriados e outras oportunidades íamos para a fazenda de meus avós maternos. Lá eu aprendi a amar muito a natureza e os animais, com os quais tinha contato direto; cachorros, galinhas, vacas, ovelhas, outras crianças, brincadeiras de bola, de andar a cavalo, tomar banho de açude, fritar batatas em baixo da árvore, com óleo de coco, que era muito usado à época.

“A manhã estava ensolarada!

Só uma estrela brilhava ainda

Quando a Maria abriu a porta da cozinha

E deu os mesmos costumeiros passos na varanda para poder olhar o céu.

Já fazia tempo que seu Antônio lidava com o gado no curral,

os baldes enfileirados, cheios de leite, exalavam o doce aroma,

Ainda úmido pela chuvarada da tarde anterior.

O homem parecia nada perceber;

Com seu banquinho de uma perna só amarrada na cintura,

Continuava ordenhando as vacas.

Ia chamando uma por vez, depois que cada uma delas

Já havia alimentado o seu bezerro.

No grande quarto dos meninos, com seus beliches rangendo

O avô acabara de abrir a janela...”

Do livro, cheiro de terra molhada, de Luiza Lameirão.



## **Eu já adolescente, com minhas primas, na fazenda...**

As lembranças dela, Luiza, que por sinal foi minha professora muito especial já em outra fase de minha vida, ilustram com precisão as lembranças da fazenda de meus avós, além do meu avô também chamar-se Antônio. Bom, por falar em avós, quando eu tinha seis anos passei um forte momento que foi quando o meu avó (Antônio) fez a sua passagem para o outro mundo. Ele teve um infarto e partiu deixando a minha avó, suas duas filhas e seis netos; eu sou a neta caçula. A minha avó então assumiu o seu papel da grande matriarca que era e é até hoje, com seus 102 anos de pura força, vigor e lucidez.

A lembrança que eu tenho dele (avô) é de um homem muito doce e querido, alegre e feliz, diferente da minha avó, que sempre foi brava e mandona, inclusive com meu avô. Já na adolescência eu li o livro “solo de clarineta” de Érico Veríssimo, que é a sua biografia; lá ele fala do meu Avô como aquele que era o primeiro a dançar com as forasteiras que apareciam na cidade de Cruz Alta (cidade do interior do Rio grande do Sul) onde eles nasceram e cresceram: minha avó, avô, minha tia (irmã de minha mãe), minha mãe e o Érico Veríssimo. Quando a minha mãe já era adolescente eles mudaram para Porto Alegre.

Lá de Cruz Alta eu me lembro dos carnavais, quando aconteciam as “batalhas d’água”, onde todos saiam para a rua com bexigas d’água atirando em todo mundo. Tinha também um caminhão que andava pela cidade atirando água nas pessoas; lembro também do cheiro da farmácia, toda de madeira, que íamos comprar suprassumo, uma bala que existia naquela época.

A minha avó materna era tão matriarca que pouco convivemos com os avós paternos. Ela dominava as viagens, os almoços, festas, etc. e a minha mãe gostava mais de levar a gente para a casa de sua mãe do que dos pais do meu pai. Meu avô paterno era pediatra, daqueles que segundo a minha avó, sabia o que a criança tinha só de ouvir o choro, quando a campainha da casa tocava. Naquela época o médico ia à casa da criança a qualquer hora do dia ou da noite; ele era o meu pediatra também (meu pai também era, mas “passou a bola” para o meu avô) e eu tinha um pouco de medo dele.



**Minha tia, Pedro (meu filho), sobrinho e avó materna**

Minha avó paterna é viva até hoje; ela é pintora. Ela e meu avô viajaram muitas vezes pelo mundo em congressos e viagens. Ambos são duas pessoas muito cultas e letradas. Seus pais vieram da Itália em navios com imigrantes fugindo da guerra e isso nos deu cidadania Italiana além da Brasileira.

Meu avô gostava de andar a pé pela cidade; um dia foi atropelado por uma moto que não prestou socorro; ele ficou em coma por seis meses e voltou a precisar de cuidados especiais como um bebê, por 15 anos, até que faleceu por volta dos 85 anos. Minha avó paterna é viva até hoje, com 96 anos; é lúcida, porém, não tão forte quanto a avó materna de 103 anos.



## **Minha irmã, sobrinho Lucas, a bebê a sobrinha Catarina, o menino é o meu filho Pedro e minha avó paterna**

As lembranças que tenho de minha vida escolar começam no jardim de infância.

Não lembro exatamente que idade tinha, mas lembro de coisas como quando a minha babá que eu amava muito ia me levar para a escola e quando eu assustava, ela tinha ido embora sem falar tchau, saía fugida para que o chororô não começasse (assim eu imagino).

Lembro também da minha amiga de infância, a Débora e sua irmã, no dia em que ela chegou com o cabelo bem curto na escola; sua mãe cortou porque elas estavam com piolho; lembro também dos tatus bola que a gente brincava no recreio, da casinha de boneca que eu e a minha amiga não deixávamos ninguém entrar e das brincadeiras de Swat (aquele seriado que tinha uns policiais). As lembranças que trago do jardim de infância são muito boas, especialmente desse jardim chamado trezinho alegre. Eu tive esse presente na infância: o direito de brincar muito.



### **De cima para baixo, eu e a minha amiga de infância com seus cabelos cortados...**

Aos cinco anos mudei de escola; de um pequeno jardim, fui para um jardim de uma escola muito grande chamada “Colégio farroupilha”. Uma escola muito rígida, administrada por Alemães. Estudei lá do jardim 3 até a quinta série. Desse jardim tenho algumas boas lembranças, especialmente de alguns momentos em que fazíamos colagens, pinturas, etc. e de quando voltávamos para casa, eu e meu primo (minha mãe e tia revezavam para nos buscar) e ficávamos tentando ler os outdoors da rua. Esse meu



primo foi um grande amigo de infância e juntos fizemos muitas descobertas. Inclusive o meu primeiro beijo na boca, ainda na infância.

A minha irmã sempre foi muito amiga, doce e querida; para mim, ela era a predileta da casa, do meu pai principalmente, que não disfarçava a sua predileção por ela. Ela era e é até hoje uma grande amiga, da força da paz. Mesmo que eu quisesse, provocasse, batesse, ela não brigava. Até hoje temos uma relação bem próxima, entre nós, filhos e sobrinhos.

Já o meu irmão e eu crescemos em pé de guerra. Ele era mal humorado, mandão e mimado e eu o provocava o tempo inteiro. Ele me batia muito e eu nele, porém ele era cinco anos mais velho que eu e menino. Mesmo assim eu abusava de seu mal humor.

Hoje em dia temos bem pouco contato. Ele tem dois filhos, um menino e uma menina. Eu encontro ele eventualmente em alguma festa na casa da minha avó materna.

Voltando para o colégio farroupilha, quando fui para a primeira série, lembro perfeitamente de minha professora, a tia Elsita, que não sei exatamente porque, me marcou; lembro-me de sua imagem, de seu nome, de seu jeito bem bacana de ser.



**Teatro do advento do nascimento de Jesus. Lembro-me do nome de todos que ali estavam. Eu era a nossa senhora**

Dessa época, chamada de primário, lembro-me de uma atividade em que íamos para a biblioteca e a professora contava uma história, a qual tínhamos que desenhar depois. Lembro-me de um desenho que eu fiz, especialmente e de uma história de uma

minhoca. Lembro-me também de alguns colegas, com perfeição, de seus nomes, feições e até personalidade.

Mas a escola era muito rígida; uma vez a minha mãe e pai foram viajar e eu fiquei com a minha avó. O uniforme era obrigatório, um abrigo com duas listas; eu fui com um abrigo só com uma lista fina e a professora não me deixou fazer a prova e nem entrar na sala de aula. Tive que ficar muito tempo na sala do diretor, não sei quanto, mas para a minha visão de criança foi uma eternidade (e uma grande injustiça), até a minha avó poder me buscar.

Lembro também que todo o dia tinha hora cívica na escola. Tínhamos que ficar em fila para cantar todos os hinos: o nacional, o da bandeira, o do Rio grande do sul, o da revolução farroupilha, etc. E tinha o detalhe de que se começasse a tocar algum hino era preciso parar qualquer movimento e ficar parado, com as mãos ao lado do corpo, tipo em continência. Eu não gostava muito daquilo, mas fazia. Todos os dias, nessa hora cívica tinha o levantamento das bandeiras: a do Brasil, o do Rio grande do Sul e a o colégio farroupilha.

A minha amiga de infância, aquela de quem já falei (dos cabelos cortados por causa dos piolhos) estudava em outra escola. Uma escola de padres chamada Anchieta. Naquela época a escola foi considerada pelos pais e pelos padrões de Porto Alegre, uma “escola de comunistas”. O papo era que os professores estavam ensinando ideias muito estranhas de igualdade, que as crianças chegavam a casa e queriam almoçar junto com a empregada. Enfim, muitos professores foram demitidos e outros tiveram que mudar suas posturas, mas sempre foi uma escola um pouco mais consciente e avançada para a época.

Eu queria muito estudar lá e consegui convencer os meus pais; na sexta série eu consegui sair da outra escola e mudar para essa escola. Os meus irmãos permaneceram por mais alguns anos no colégio farroupilha e depois todos foram para o Anchieta. Entre os pais e professores eles decidiram que eu não deveria ficar na mesma sala da Débora (aquela dos piolhos) e, não sei exatamente como nem porque motivo, tomamos rumos distintos, amizades distintas, apesar de agora estarmos na mesma escola. Essa escola tinha uma filosofia de ensinar os alunos a pensarem, a debaterem, a escreverem e a desenvolverem uma consciência mais crítica (dentro do possível). Ainda era uma escola bastante elitizada, mas um pouco mais aberta que a outra e que outras escolas da cidade.

Lá realmente eu aprendi a gostar de ler e escrever, a me colocar, a debater. No ensino médio tínhamos que ler muito e o que mais me marcou é que no 2º ano tínhamos que escrever um livro; foi uma experiência muito boa, a qual eu me dediquei durante todo o ano e ajudou-me a abrir conexão maior com a língua escrita, de forma criativa. Na área das humanas eu me saía muito bem, porém nas exatas eu quase surtava; a física, para o meu entendimento, a época, era um monte de fórmulas descontextualizadas da realidade, assim como a química e a matemática. A biologia ficava no meio do caminho. Na minha rebeldia de adolescente eu ficava lendo livros durante as aulas que eu não gostava (mas em realidade, não compreendia). Hoje eu percebo a beleza e a importância dessas disciplinas, mas na época eu não conseguia compreender a importância de decorar tantas fórmulas sem sentido.

Além disso, eu comecei o ensino médio com 14 anos e junto veio a rebeldia muito forte e a adolescência. Até a oitava série do ensino fundamental eu fui uma boa aluna, tirei boas notas e, apesar de certa tendência a rebeldia, eu ia bem.

Uma das coisas que eu mais gostava, nesse período eram as viagens para a “vila Oliva”, sítio dessa escola. Essas viagens aconteciam no final do ano, para quem tirava boas notas; por isso eu me concentrava para tirar boas notas. Era demais; a gente acampava, tomava banho em uma piscina gigante, cheia de sapos e limo, com um trampolim muito alto, dormíamos em um quarto cheio de camas, altas brincadeiras, passeios noturnos pelo mato, refeições comunitárias, etc. Foram especiais essas viagens. As viagens eram separadas: um período para meninas e outro para meninos.

Quando entrei no ensino médio, que a época se chamava segundo grau parei de passar “por média” e de poder ir para a Vila Oliva. Até a oitava série nunca tinha pegado nenhuma recuperação, mas no ensino médio passei a pegar várias recuperações. No 1º ano do segundo grau passei, “raspando”, mas no 2º ano comecei a sair à noite, aprontar todas e querer experimentar todo o tipo de festas e noitadas. Passei raspando novamente e no terceiro ano parei de estudar e fui trabalhar no consultório do meu pai, que era pediatra; eu adorava cuidar das crianças, ajudá-lo a pesá-las, e ter um contato mais estreito com meu pai, que até então não tinha tido.



**Nessa foto estava com cerca de quinze anos, no auge da adolescência...**

Até então, todas as viagens, passeios, etc. eu fazia com a minha mãe, a minha tia, minha irmã Fernanda e as minhas três primas, a Jú, a Cota e a Ana. O meu irmão sempre ficava de recuperação e ficava com o meu pai em Porto Alegre. Este sempre estava trabalhando.

A partir desse momento na adolescência passei a viajar com minhas amigas e amigos; a minha mãe deixava e naquela época não haviam tantos perigos. Essas viagens foram importantes para que eu pudesse criar certa autonomia que eu não tinha em casa: a de aprender a cuidar de mim e de minhas coisas.

Porém antes de viajar sozinha, desde bem pequena eu já viajava com as minhas amigas e suas famílias. Eu cresci escutando que eu nunca estava presente nos casamentos, batizados e outras festas consideradas importantes pela família; eu adorava sair, viajar e dormir fora de casa, o que era o oposto da minha irmã, que era mais velha que eu e raramente saía de casa; dormir fora, nem pensar. Eu dormia até na casa das amigas dela que ela não tinha “coragem”.



## **Na foto acima, minha Mãe, eu e minha tia em férias no Rio de Janeiro.**

Em relação ao ano em que parei de estudar e meu pai me convocou para trabalhar com ele em seu consultório pediátrico foi possível me aproximar dele e isso foi importante para mim, para ele e para a nossa relação.

Eu cresci dizendo e achando que ia estudar medicina, mas quando cheguei ao ensino médio achei que a minha aptidão era para as humanas. Como eu gostava muito de ler e escrever resolvi que ia ser jornalista. Bom, parei um ano de estudar e voltei para a escola, nesse ano mudei duas vezes de escola e acabei fazendo um supletivo em uma escola de cursinho chamada universitário.

Acabei o supletivo e prestei vestibular na ULBRA, na PUC e na UFRGS para jornalismo; consegui gabaritar a prova de português, fui bem na prova de redação, literatura, história, mas não alcancei os pontos necessários em matemática e química. Passei na ULBRA, cursei um ano e saí de férias para a Bahia e Visconde de Mauá, no Rio de Janeiro aos dezoito anos.

Nessa época, a minha irmã ganhou uma viagem de um ano para estudar e trabalhar na Itália, Inglaterra, Grécia, etc. Ela tinha estudado italiano e foi aperfeiçoar o idioma e estudar fotografia também. Ela era muito bem comportada e ganhou de prêmio, mas meus Pais não me deixaram ir junto. Eu fui estudar a vida, a liberdade e o meu País. Conhecer a vida além dos portões que até então eu tinha vivido e que na realidade não me encaixava muito bem; parecia que eu não era daquele lugar.

Fui viajar junto com uma amiga, porém ela tinha um namorado em Porto Alegre e só pensava nele; acabou voltando antes e eu fiquei sozinha, em Arraial D'ajuda na Bahia. Foi muito bom, tão bom que no final das férias liguei para os meus pais e falei para eles trancarem a faculdade que eu só iria voltar em julho; queria viver essa experiência. O meu pai entendeu um pouco, mas a minha mãe entrou em pane. Mesmo assim eu fiquei.

Passei a vender sanduíches, fazer bombons, vender artesanato, enfim, estava com sede de ganhar a minha independência. Fiquei lá três meses e minha mãe me pediu para encontrar com ela em São Paulo, para um casamento, em Julho. Antes de viajar eu tinha lido um livro de um psicanalista chamado Roberto freire. O nome do livro era

“ame e de vexame” e se passava em Visconde de Mauá. Eu fiquei muito curiosa em conhecer esse lugar.

Quando eu estava na Bahia, conheci o meu primeiro amor e desilusão, que namorou comigo e logo já foi namorar com outras meninas; conheci também uma querida comadre que é minha irmã até hoje e o pai do meu primeiro filho. Esse era amigo da comadre e ela pediu para ele ir comigo até São Paulo, pois eu queria pegar carona da Bahia até lá e não tinha noção do perigo; naquela época eu era movida por impulsos, pelo coração e não tinha medo de nada.

Ele topou e viajamos juntos até visconde de Mauá; a pressão da família era grande, da família e da sociedade que exigia que o jovem entrasse na universidade para “ser alguém na vida”. E eu me sentia entre “a cruz e a espada”; pensava que eu deveria fazer uma faculdade, mas sentia que eu deveria seguir nesse caminho, o caminho do meu coração, dos impulsos da juventude, da fé e da entrega.

Eu era muito resguardada na questão de namorados, até então tinha namorado bem pouco; o Robson, pai do meu primeiro filho aguardou insistentemente e pacientemente que eu cedesse aos seus encantos. Eu gostava dele como amigo, mas tinha aquele desejo infantil de ser mãe e estava “solta na vida”, ou pelo menos achava isso.

Quando chegamos a Visconde de Mauá tive uma lembrança ancestral daquelas montanhas e rios, era como se eu já tivesse vivido ali. Agora eu estava livre, vivendo o aqui e agora, sem vontade nenhuma de voltar para a vida que eu levava em Porto Alegre e tinha apenas dezoito anos. Chegou julho e eu fui ao casamento encontrar a minha mãe; lá eu recebi a notícia mais forte que eu poderia imaginar: minha mãe e meu pai estavam com AIDS; naquela época era uma sentença de morte. Isso foi no começo dos anos noventa. Foi muito difícil, a família se quebrou.



**Da esquerda para a direita: minha tia, eu e minha querida mãe, já doente...**

Voltei para Porto Alegre, mas sem ânimo de nada; sempre que podia voltava para Mauá, encontrava o Robson e meus novos amigos. Um ano depois disso meu pai fez a passagem dele para outra vida.



**Meu Pai se formando em medicina...**

Quando isso aconteceu eu resolvi ficar em Porto Alegre, fazer um cursinho, aulas particulares e estudar para prestar vestibular para medicina. Eu queria dar esse presente para a minha mãe, mas ao mesmo tempo eu sabia que ela ia partir em breve e tudo ia mudar para a gente.

Nesse ano o meu irmão se casou; a minha mãe assistiu o casamento e o levou até o altar; estudei muito, mas na hora de fazer o vestibular, desisti. Estava sem ânimo. O meu amigo que estudou junto comigo todas as disciplinas passou, mas eu queria mesmo era sair de Porto Alegre e sabia que se eu passasse em medicina iria ter que ficar mais

uma eternidade naquela história; para os jovens de dezoito anos um ano, dois, três ou seis anos é realmente uma eternidade.

Um ano após a morte de meu pai, minha mãe partiu; e agora? Tudo estremeceu e um grande vazio ficou; até hoje, vinte anos depois eu ainda me emociono muito nessa parte de minha história. Ficamos eu e minha irmã em uma casa enorme e cheia de lembranças; a minha irmã tinha um namorado de muito tempo (e buscou consolo nele e na sua família), o meu irmão estava casado e eu parti de vez. Fui para Mauá e alguns meses depois engravidei do meu primeiro filho; foi o meu alento.

Aos vinte e dois anos tive o Pedro, um menino lindo e companheiro.



### **Eu e o Pedro...**

Ele me levou de volta para a escola e me presenteou com a pedagogia waldorf; esta me mostrou que escola pode ser um lugar maravilhoso, onde se leva em conta o ser integral, a arte e a espiritualidade.





### **Desenho feito por Pedro (com sete anos), na escola waldorf, sobre a festa de São João**

Eu morava em Visconde de Mauá; quando o Pedroca fez três anos fiquei sabendo de uma escolinha em uma comunidade do Santo Daime que tinha perto da minha casa (cerca de 4 km), por trilha. A escola não seguia a religião do santo daime e sim a pedagogia waldorf, a antroposofia, mas conseqüentemente também conheci o santo daime, que me trouxe conforto e entendimento, uma conexão com os meus amados pais e um grande autoconhecimento.

Eu levava o Pedro para a escola, mas não podia voltar para casa e depois voltar para buscá-lo, então ficava por ali mesmo, cuidando do jardim e escutando toda a aula; esse foi o meu primeiro contato com a pedagogia, que foi me despertando muita vontade de aprofundar nesse estudo, de conhecer melhor do que se tratava; a pessoa que cuidava da escola, a Solange, me falou que estava começando um curso de antroposofia e eu comecei a cursar junto com ela e outra nova amiga, irmã que morava na cidade vizinha e que dava aula de tecelagem em uma escola para jovens portadores de necessidades especiais. O nome da escolinha do Pedro era “a caminho da luz” e a da minha amiga era “Arcanjo Gabriel”.

O seminário acontecia um final de semana por mês, no rio de janeiro. Era maravilhoso, esclarecedor e curador cada final de semana desses; fazíamos arte, a parte teórica, dança. Foi realmente uma grande cura para a minha criança desiludida e desesperançada da vida escolar que tinha tido até então. Foi como se eu tivesse voltado para a escola e percebido que esta pode ser maravilhosa.



### **Eu, a Lana e a Solange no seminário da antroposofia...**

Cursei dois anos o seminário e sai mais uma vez viajando, deixando Mauá e vindo para o planalto central. Embarquei em um ônibus chamado ônibus cósmico. Fazíamos teatro para as crianças das cidades em que passávamos.



### **O ônibus que moramos por seis meses, no caminho de Mauá, Mato Grosso e planalto central.**

Era eu, o Pedro e minha amiga e irmã Susi e seu filho, o Shan. Todo o mês, seja onde estivesse, viajava ao Rio de Janeiro e fazia o seminário da pedagogia waldorf.



### **Eu e a Susi, minha amiga irmã de muitas passagens...**

Não posso deixar de lembrar que, quando ia para o seminário, no Rio de Janeiro, me hospedava em Copacabana na casa da minha tia avó que à época tinha 100 anos. Ela me recebia com muita alegria e gostava muito quando eu ia, pois a gente conversava bastante a noite, às vezes eu levava o Pedro e ela ficava mais feliz ainda; foi muito especial esse resgate. Quando parei de fazer o seminário no Rio e passei a fazê-lo em Brasília, pois solicitei aos professores para facilitar a minha história que nesse momento já era em Alto Paraíso, depois de seis meses, ela faleceu; foi bem especial o contato com essa querida anciã, tão solitária em Copacabana.

Agora os seminários aconteciam de três em três meses, cada um em imersão por dez dias; lá fiz muitos amigos e cada vez mais fui aprofundando no estudo da pedagogia waldorf. Quando cheguei a Alto Paraíso logo fui morar em uma ONG, a Oca-Brasil, onde me propus a conduzir uma escolinha para crianças até seis anos; foi um laboratório maravilhoso. Tudo que eu absorvia durante o curso eu aplicava com as minhas crianças; era uma turma muito diversa: tinha criança do Vão de almas (território Kalunga), tinham as crianças da periferia e tinham aquelas que vieram de longe, que são chamadas pelos nativos de Alto Paraíso, de povo de fora. Foi muito bom, um presente.



**Turma da semente de luz, na OCA Brasil...**



**Escolinha Semente de luz...**

Essa escolinha se chamava “Semente de Luz” e funcionava simultaneamente a um projeto que a Susi (aquela amiga que chegou comigo) fazia com os adolescentes em situação de risco; eu trabalhava com os pequenos e ela com os irmãos mais velhos. Porém depois de quatro anos fui sentindo vontade de trabalhar com mais gente, de me unir com uma equipe maior e a escolinha parou e eu fui para a rua, junto com a Susi, na intenção de trabalhar com as meninas adolescentes, já mães, ou grávidas. Minha ideia era fazer artesanato com elas para melhorar a renda e ao mesmo tempo, esse contato de conversa, de arte, de consciência. Foi muito legal, até hoje penso na necessidade dessas meninas, mas mais uma vez tudo mudou.

Conheci o meu atual companheiro. Na época eu tinha trinta e um anos e ele 23. Foi um momento muito forte. Mais uma vez larguei tudo e fui começar uma outra história; saí da OCA, a ONG e fui morar no moinho, um povoado perto de Alto Paraíso. Nunca parei de trabalhar, indiretamente com educação, mas de maneira mais informal, estimulando outros amigos de cursarem o seminário da pedagogia waldorf, fazendo teatro informalmente com grupo de amigos e crianças, organizando a parte das crianças em eventos e encontros que frequentava. Neste período estávamos nos preparando e preparando o espaço “Flor de ouro”, no povoado Moinho, para receber o chamado do beija flor, um grande encontro internacional que aconteceu em 2005 e recebeu mais de 2.500 pessoas de todas as partes do mundo.

Engravidei do meu segundo filho, o Samadhi Jay, que durante os seus dois primeiros anos de vida, precisou de muita atenção, pois passou por diversos processos de alergia, refluxo, baixo peso, etc. Quando o Samadhi tinha seis meses engravidei da minha terceira filha, a Violeta Luz; nessa o Pedroca, que era exclusivo e único, passou a ser o mais velho de uma família de três, onde o meu companheiro ainda estava se adaptando a paternidade e onde juntos passamos por vários processos.



**Samadhi e Violeta Luz**



### **O Pedro com 8 anos...meu indiozinho loiro**

Bem, quando a Violeta tinha quatro meses apareceu o vestibular para pedagogia; por impulso eu me inscrevi e coloquei nas mãos do plano divino, da vontade divina. Eu sabia que seria importante ter a pedagogia, mas sabia que a minha vida estava bem enrolada para tal e que eu precisaria relembrar muitas coisas para passar no vestibular. Não estudei nada; no dia do vestibular pedi ajuda a uma querida babá que eu tinha à época e ela cuidou das crianças. A violeta, que somente mamava no peito, era tão boazinha que ficou tranquila, por seis horas sem mamar. Saí da prova e corri para casa; ela estava tranquila, me esperando.

Bom, quando vi meu nome na lista dos aprovados, não acreditei. Fiquei surpresa e feliz. Mas passar no vestibular era somente um detalhe, entrar não é tão difícil, a questão é ter a persistência de acabar e agora, nesse momento, de sair; Quando somos jovens, não temos família, filhos, casa, trabalho, marido, é uma história, mas estudar com toda essa demanda, é um desafio ainda maior.

Foi uma infinidade de babás, de esquemas para poder estudar, muitas vezes a consciência pesava e falava que estava deixando os meus bebês para estudar; será que valia a pena? Mas um impulso mais forte me motivou, o mesmo impulso que me motivou em diversos momentos de minha vida; é algo além da minha vontade, que vem do coração e faz com que a determinação chegue, por mais que tudo mostre o contrário.

E aqui estou. Nesse momento meus filhos estão com 16, 6 e 5 anos; todos sobreviveram, o casamento também, apesar de muitas vezes termos que nos desdobrar

para estarmos juntos. A minha ajuda também veio através de meninas lindas que apareceram enviadas para ajudar a cuidar de meus filhos para eu poder estudar.



### **Eu e o Pedro**

Nesses anos de faculdade, além de constantemente estar trabalhando informalmente com educação, trabalho também com fabricação de pães integrais e outras panificações; no ano passado fiz o meu estágio em educação inclusiva, no segundo ano da escola pública e foi super especial. O meu projeto foi sobre os contos de fadas, desenho livre, trabalhos manuais e teatro na escola.



**O teatro com a turma do estágio, na escola casa da vovó.**

O estágio foi tão produtivo que esse ano assumi uma turma de 2º ano (por coincidência ou sincronia da vida). A escola estava sem professor até fevereiro, então acabei dando o braço a torcer e assumi a turma.



### **Aula de campo com a turma...**

Estou muito feliz com a escolha que fiz; para mim a sala de aula está sendo um espaço maravilhoso, criativo e cheio de possibilidades. O Samadhi (meu filho do meio) vai para a escola comigo, pela manhã. O Pedro vai comigo até a escola pública, que está de partir o coração, o desdém que todos temos pelos nossos jovens, talentosos e cheios de potencial, que são desvalorizados, está triste a situação da escola no ensino médio, mas ele tem impulso e vontade. No ano de 2012 ele concluiu esse ciclo escolar, finalizando o terceiro ano do ensino médio.

A Violetinha ainda está em um jardim de infância, que ela já frequentava antes de eu ir dar aula na Escola Vila Verde e que achamos por bem, mantê-la lá; ela vai para a aula com seu papai, à tarde. Então agora tem a escola, os planejamentos e reuniões, a padaria, a faculdade com toda a sua demanda, três filhos, a casa, que fica em um sítio, a vinte quilômetros de Alto Paraíso, sem internet. Estou muito feliz e satisfeita e espero concluir a faculdade esse ano, respirar um pouco, mas sempre continuar estudando, principalmente na área da antroposofia.

*Aprofundando no período da faculdade:*



Quando a Violeta nasceu, alugamos uma casa em Alto e lá ficamos por dois anos, enquanto construíamos uma casa no pé do morro da Baleia, em um lugar maravilhoso e poderoso. Lá já moravam duas famílias e ao todo cinco famílias faziam parte dessa terra.



### **Samadhi soltando pipa do alto do morro da baleia, a nossa futura nova casa...**

Foi nesse tempo em que estávamos morando na cidade de Alto Paraíso que apareceu o vestibular da UAB e eu recebi como uma oportunidade de realizar uma missão que estava faltando que era de fazer a faculdade de pedagogia para poder efetivamente adentrar no universo da educação de maneira mais formal.

Meu companheiro fez uma campanha para que eu não ingressasse no curso e o meu coração falava que eu deveria entrar; ele repetia incessantemente que não era hora e que eu teria que deixar as crianças (dois bebês) para estudar; eu também sentia isso, mas o impulso era maior. Mesmo contra a vontade dele, tudo confluía para que eu entrasse e eu adentrei nesse universo que eu sabia que muito me ajudaria... não sabia pra que nem como exatamente, mas sabia que era para mergulhar nesse jornada, que na minha cabeça era muito mais simples e rápida do que realmente foi.

Logo de cara, no primeiro semestre deparei-me com a disciplina de Antropologia e Educação ministrado pela Profa. Rosângela Corrêa, a qual muito inspirou-me para seguir; percebi que a universidade era acessível, e que por vezes, falava “a mesma língua” que eu e propunha textos que avalizavam algumas ideias e

pensamentos que eu tinha. Deu-me vontade de estudar antropologia e educação para a diversidade mais profundamente.

Antes disso, deparei-me também com uma linguagem (a do computador, moodle) que era totalmente nova para mim; antes da faculdade eu não sabia nem como ligar um computador e tive que aprender na prática mesmo, na vivência. Lembro-me do dia em que tivemos o primeiro encontro com um representante da UnB. Chegou a hora de cada um ligar o seu computador para fazer o login e a senha do curso; eu fiquei totalmente sem graça, pedindo ajuda bem baixinho para algum colega (não sabia nem como ligar o computador, não usava nem e-mail). Pedi ajuda para a Edma, nossa preciosa tutora, que foi um anjo da guarda durante todo o percurso, porém para ela também era tudo novo. Ela ficou estranhando o fato de eu não saber manejar um computador e me falou que eu precisaria fazer um curso de informática para poder adentrar nesse universo que se abria para mim, mas eu sabia que seria impossível: eu não tinha disponibilidade e tempo para tal, precisaria aprender com a prática e assim foi. A cada dia aprendo mais um pouco, em todos os âmbitos.

Eu consigo lembrar mais profundamente das disciplinas as quais gostei muito ou que tiveram força em meu aprendizado, mas também me lembro de algumas que pareciam eternas e bastante densas.

Ao longo desses anos nos defrontamos com belos textos, outros mais densos, com momentos de muita reflexão, por vezes muita pressão, e a cada semestre que passa, sinto que estamos mais preparadas e seguras para dar embasamento àquilo que idealizamos como trabalho e prática educativa, até mesmo a partir de nossa própria casa, e especialmente, autoeducação. É claro que nem sempre é simples colocar em prática o ideal, mas é possível buscar estar cada vez mais próximo deste.

A metade do curso foi bastante direcionada à teoria e a partir do terceiro ano começamos a mesclar disciplinas mais práticas com o embasamento teórico oferecido por outras disciplinas; a grade curricular do curso está organizada de forma multi, e por vezes interdisciplinar, pelo menos assim percebi, pois muitas vezes, o que foi estudado em outros semestres vem à tona novamente; é bem bacana.

A primeira disciplina que pediu a nossa presença em sala de aula, mas somente para observar foi a de ensino da língua materna. “Estagiei” na escola Bona Espero, uma

escola internato que recebe verbas da Alemanha de uma instituição esperantista. Lá moravam crianças encaminhadas pelo conselho tutelar do entorno de Alto Paraíso, crianças essa que eram consideradas em situação de risco e estudavam também crianças da área rural vizinha. Estas vinham somente para escola e não sofriam tanto quanto as que lá moravam.

A professora tinha sido criada lá, desde os dois anos de idade pela dona Úrsula, uma alemã muito dura, que comanda o projeto há muitos anos; a professora potencializou a dureza com a qual foi criada e se tornou rigidamente alemã (sem preconceito contra o povo alemão). As turmas eram multisseriadas desde o jardim até o quinto ano. As crianças do jardim passavam a tarde toda sentadas na carteira sem poder ao menos fazer um desenho livre, dar uma palavra ou sequer, mexer o corpo.

Para mim que venho de uma formação da Escola Waldorf, onde o brincar livre e a arte são extremamente valorizados, especialmente para crianças antes dos sete anos, me sentia mal, quase sufocando, sem poder fazer nada por elas. Eu tinha sonhos (pesadelos) com as crianças todas as noites e não podia falar nada e nem fazer nada naquele momento, a não ser pensar em cada uma e mandar muita luz e proteção pelos seus anjinhos da guarda. Eu não era bem vinda lá e ela somente me aceitou porque eu tinha uma carta da UnB, o que não dava opção para ela, pois ali era um anexo da escola municipal, na área rural. Quando acabou o prazo do estágio, ela rapidamente me mandou embora, dizendo que a instituição iria receber visitantes e eu não poderia mais estar lá.

A situação é conhecida pela prefeitura, conselho tutelar, secretaria de educação e povo de Alto Paraíso; quando questionei a situação a pergunta que perdurava era: E para onde vamos mandar essas crianças? Passados um ano desse estágio, a escola foi fechada e as crianças devolvidas e encaminhadas pelos respectivos conselhos tutelares.

Conto isso também como um desabafo e uma reflexão sobre a importância da teoria estar permeada de prática e da importância dessa imersão do aluno na realidade escolar. Depois desse “estágio”, tivemos mais dois, um que realizei em uma escola pública de Alto Paraíso em uma turma de segundo ano e outro foi na Escola Vila Verde aonde eu trabalho atualmente, sendo eu a professora regente. Estas duas experiências foram bastante interessantes; primeiro observei, depois interagi com a professora e depois acompanhei a minha própria turma. Essa sequência de experiências também fez

diferença para a minha formação em relação a estabelecer essa conversa entre teoria e prática, entre observar e ser observada, pois quando eu realizei o projeto 4-fase 2 em minha própria sala também recebi a colega Luana (Indiah) que estagiou na minha sala, então, troquei o papel de observadora para observada.

Outra disciplina que me marcou, por densidade dos textos, mas também por esclarecer a situação da educação foi “Educação e Trabalho” - taylorismo, fordismo e toyotismo. A nossa educação é inspirada em fábricas de carros... Afff!

A Fundamentos da Educação Ambiental ministrado pela Profa. Rosângela Corrêa foi especial pelos assuntos relevantes tratados tanto para a educação como um todo, como também para a autoeducação. Como parte desta disciplina, ela organizou o I Seminário de Educação Ambiental na Chapada dos Veadeiros com uma saída de campo para o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros no dia seguinte.

Tiveram as disciplinas relativas à história, história da educação brasileira, história e cidadania e história da educação; estudamos as leis da educação, textos de Saviani. Estudar leis realmente não faz o meu “coração bater mais forte”, mas reconheço a importância, assim como, conhecer mais profundamente as políticas públicas.

Sociodrama e psicodrama, de Moreno foi especial e a professora também fez toda a diferença na disciplina. A especialidade de cada professor também muito contribuiu para que cada disciplina fosse relevante (ou uma chatice), leve ou densa. Tivemos também as disciplinas de Educação Especial, incluindo Classe Hospitalar e Educando com Necessidades Especiais. Essas disciplinas, assim como tantas outras, considero essenciais na formação do pedagogo.

As disciplinas de Educação infantil, Alfabetização e Letramento, que a meu ver, deram continuidade a disciplina de Ensino da Língua Materna também serviram para ampliar a concepção de alfabetização, e no caso da educação infantil, para avaliar uma questão que é bem forte para mim: a questão do encurtamento da infância, a escolarização precoce e o não direito das crianças a brincarem livre, desenharem livre, e através disso, terem direito a se expressarem, a dizerem para os adultos não verbalmente sobre os processos aos quais estão passando. No sentido de alertar quanto a esse cuidado que educadores (sejam eles pais, mães, tios, professores, diretores, etc.)

precisam ter. Geralmente, ao contrário disso, pais, escolas e responsáveis desejam que seus filhos leiam e escrevam o mais rápido possível, não importando o que isso possa causar na criança, pois este não é somente um processo inerente ao intelecto, mas também é preciso que sejam levados em conta os processos referentes aos sentimentos, pensamentos, emoções e que as crianças estão em processo de formação, como alguém que precisa aprender a ser, a conhecer, a saber e a crescer com saúde física, mental e espiritual para se tornar um adulto que não dará problemas e sim soluções para si mesmo, para a sociedade em que vive e para a nossa mãe terra.

Somos todos responsáveis pela educação e saúde física, mental e espiritual de nossas crianças; se as crianças não estão tendo direito a brincarem livre, elas não estão tendo direito à infância com saúde e poderão se tornar adultos endurecidos e sem capacidade de resolverem conflitos, pois aquela criança que não brincou entre crianças, criando situações (na maioria das vezes através da imitação do mundo dos adultos), provavelmente se tornará um adulto rígido, duro e inflexível que ao invés de aprender a resolver conflitos na infância, brincando, terá que resolver agora na vida real, no mundo dos adultos que é bastante mais cristalizado e “duro”.



**Teatro de bonecos apresentado pelo nosso grupo (Gita, Índia, Dani e Isabela) na feira de alfabetização e letramento, realizada na feira dos produtores rurais...**

Assim como os professores, os tutores a distância também fizeram toda a diferença no “desenrolar” das disciplinas. Tivemos tutores bastante comprometidos com a educação à distância, outros que nem as mensagens não respondiam, não davam feedbacks, outros que não tiveram nenhuma afinidade com a turma ou tiveram grande

afinidade. Nesse semestre, por exemplo, estamos com uma disciplina em que a tutora não responde as mensagens, não entra no fórum, não corrige as tarefas e não interage de nenhuma forma com a turma; inclusive nem os textos solicitados abrem na plataforma; depois de muitos esforços, esses textos estão indo para o e-mail da Edma que repassa para a turma. E por falar em Edma, foi muito especial e precioso o seu auxílio e sua presença nesses cinco anos e meio. A ela agradeço especialmente.

Bom, colocando na balança, tantos percalços, esforços, contratempos, e especialmente, auxílios da vida, que se apresentaram ao longo do curso, posso dizer ainda assim, que eu o faria novamente. Realmente o curso é excelente e serviu como uma ferramenta que amplia a consciência e abre os horizontes, assim como algo que também serviu para embasar, para avaliar o que eu já acreditava e almejava e dar mais força aos trabalhos realizados, seja na educação escolar, na educação familiar e, acima de tudo, na autoeducação constante a qual precisamos estar sempre prestando atenção. Que essa autoeducação, o estudar, o reciclar e o resignificar a cada dia não parem nunca, com amor e alegria.

Namastê...

## RESUMO

Em março de 2012 foi dado início ao projeto de pesquisa que visou observar se os contos, as lendas, as fábulas e os mitos são, de fato, ferramentas para uma educação integral. Educação integral no sentido de contemplar todos os âmbitos do ser humano, levando em conta os seus processos de desenvolvimento para uma aprendizagem em diversos âmbitos, que faça sentido e que atue como elemento de vitalidade na criança. A presente pesquisa busca embasamento na pedagogia waldorf, idealizada por Rudolf Steiner e atualmente desenvolvida por centenas de educadores. A escola onde a pesquisa foi realizada não adota a pedagogia waldorf na íntegra, porém todas as observações realizadas, assim como a escolha das narrativas e as conclusões acerca da função destas no desenvolvimento da criança, em sua aprendizagem e no desenvolvimento das qualidades anímicas (no sentido de ânima, ânimo) do pensar, do sentir e do querer foram embasadas no conhecimento da antroposofia que é a base científica e filosófica de onde nasceu a pedagogia waldorf. Para a realização da pesquisa as crianças escutaram estórias durante todo o ano de 2012 e início de 2013 e fizeram atividades acerca dessas. As atividades desenvolvidas foram desenhos, produção de texto recontando as estórias, recapitulações orais das narrativas, dramatização de dois contos ao longo do ano, observações das crianças e seus respectivos processos. A pesquisa foi retomada no início de 2013, buscando escutar o depoimento das crianças e analisar os dados colhidos até então, para observar os resultados. Como resultado foi possível observar, através da análise dos desenhos, textos, dramatizações e das falas das crianças que as narrativas tiveram efeito vitalizante nas crianças individualmente e coletivamente na classe observada e que esse processo de pesquisa é contínuo e pode ser cada vez mais aprofundado e diversificado.

**PALAVRAS CHAVE:** Contos, lendas, fábulas, mitos; educação integral; pensar, sentir, querer; desenvolvimento humano.

## INTRODUÇÃO

A narrativa de contos, lendas, fábulas e mitos é algo que permeia a vida humana desde os tempos mais remotos e seus registros remontam à pré-história. Quem nunca sentou em roda para ouvir alguém, geralmente uma avó ou uma professora e ouviu estórias que passaram a fazer parte de seu imaginário, seja individual ou coletivo? Esta é uma prática ancestral, que nasceu junto com a humanidade, do Oriente ao Ocidente, por todo o planeta Terra e que a permeia atemporalmente, sem local ou data definida.

Muito antes de existirem outros meios de comunicação ou mesmo a língua escrita, a tradição da oralidade já era práxis e ferramenta preciosa para que todo conhecimento adquirido continuasse vivo, sem se perder no esquecimento, no passar dos tempos. Muitas dessas estórias atravessaram séculos ou até mesmo milênios como os contos, os mitos, as lendas e as fábulas, sendo passadas de pai para filho, de geração para geração através da palavra narrada. Não só de pai para filho (a), mas principalmente de mãe para os filhos, pois a prática de narrar estórias sempre foi uma prática bastante feminina, realizada pelas mães, avós e, antigamente, nas famílias mais abastadas, pelas governantas.

Muitos desses contos, lendas, mitos e fábulas viajaram através dos tempos e da história da humanidade e continuam sendo ainda tão atuais e apropriados que, em muitos casos seu conteúdo pode ser considerado atemporal. Eles carregam consigo uma vasta riqueza de símbolos e imagens, cada qual com sua subjetividade, carregando sabedorias que traduzem a vida humana, contendo elementos que podem ser preciosos para a aprendizagem das crianças, para a formação integral da criança e conseqüentemente dos educadores, podendo esses dispor dessa ferramenta de maneiras diversas, seja para abordar assuntos do currículo escolar ou para tratar de assuntos ligados aos sentimentos, à vitalidade, as relações, aos processos inerentes ao desenvolvimento humano ou a questões profundas do ser de cada criança, individuais ou coletivos.

Os contos, lendas e fábulas surgiram da tradição oral e somente depois de muito tempo passaram a fazer parte da literatura infantil e em alguns casos, adentraram nas salas de aula. Considera-se necessário se apropriar, estudar, conhecer e saber utilizar



adequadamente essas estórias para cada situação ou intenção que o educador deseja alcançar, porém não há um manual para a escolha de estórias adequadas para cada turma, situação ou criança. Cada professor terá que estudar essas estórias com uma escuta sensível para atender a demanda de sua turma e de cada criança em questão. A recomendação dada por Steiner, Lanz e reiterada por Passerini, assim como nas escolas Waldorf é a de procurar fontes apropriadas: geralmente contos, lendas, mitos e fábulas antigos são muito interessantes porque traduzem a alma da humanidade. É conveniente que o educador procure histórias adequadas para os diferentes processos, objetivos e faixas etárias.

A pergunta desta pesquisa é: Os contos, as lendas, os mitos e as fábulas podem ser utilizados em sala de aula como ferramenta para o enriquecimento de uma educação integral?

Essa pergunta surgiu a partir da reflexão sobre a dimensão da profundidade que um conto, lenda, mito ou fábula, se conhecido pelo (a) professor (a) e direcionado para uma situação específica, individual ou coletiva, poderia estimular a criança que está tendo contato com essas histórias. Além disso, será que essas histórias poderiam servir relevantemente como ferramentas para uma educação integral do sujeito escolar em diversos âmbitos de seu desenvolvimento?

O presente trabalho buscou inspiração na pedagogia Waldorf que foi a pedagogia que me despertou a intenção e a vontade de trazer para a sala de aula a prática de narrar e trabalhar os contos de fadas, as lendas, as fábulas e os mitos para as crianças, tendo como foco o desenvolvimento integral de cada ser humano e utilizando o espaço escolar para auxiliar nesse desenvolvimento.

A presente pesquisa foi realizada na Escola Vila Verde, localizada na cidade de Alto Paraíso de Goiás em uma sala multisseriada de 2º e 3º anos com crianças na faixa etária entre sete e nove anos. Esta escola não é uma escola Waldorf, mas tem sua influência, já que três dos sete professores que atuaram na escola em 2012 tem a formação Waldorf; neste momento a escola considera-se holística, tendo influência da pedagogia waldorf, do construtivismo e outras fontes.

Esta pesquisa baseou-se nos princípios da pedagogia Waldorf, uma vez que essa pedagogia trabalha com narrativas e ressalta a sua importância no processo de

desenvolvimento do indivíduo, utilizando-as como práxis e ferramenta para uma educação integral.

Segundo essa pedagogia um conto, lenda, mito ou fábula pode vir, além de outras questões, como uma forma de ajudar as crianças na resolução de problemas individuais e/ou coletivos em sala de aula de forma sutil, ao mesmo tempo intensa, através de uma determinada história, bem como introduzir conteúdos que são construídos através das imagens formuladas pelas crianças ao escutarem as narrativas.

As histórias podem atingir aos estudantes de muitas maneiras e o professor pode escolhê-las conforme as demandas que vão aparecendo; seja um comentário ou atitude que demonstre preconceito, racismo ou discriminação, seja uma perda que alguém sofreu como a morte de algum parente ou animal de estimação, a falta da mãe, pai, um amigo querido que se mudou para longe, separação familiar até questões como a ampliação dos horizontes das crianças para outras culturas, países diversos, valorização de sua própria cultura, ampliação de vocabulário, desenvolvimento da criatividade, aprendizagem através de imagens elaboradas pela própria criança durante as narrativas, desenvolvimento de conteúdos curriculares, etc.

Através da prática de contar histórias é possível abordar questões de maneira impessoal, ao mesmo tempo, profunda e até mesmo trabalhar conteúdos, épocas e ritmos da terra de forma a estimular o imaginário da criança e o seu desenvolvimento, para que esse aconteça de forma harmônica e saudável.

Segundo Rudolf Lanz,

*“Os contos são, [...], um alimento inexaurível para as crianças em uma determinada idade. Mostram em suas imagens, tendências e anseios que, inconscientemente, desenham-se na alma infantil, gravando em seu subconsciente, ideais e anseios que, mais tarde, transformam-se naturalmente nos ideais e aspirações da vida. Há uma afinidade profunda entre o mundo dos contos e a alma infantil”* (1979, p.103).

Olhar para esses contos e histórias com atenção, sensibilidade e comprometimento para com as crianças que irão escutá-lo pode trazer benefícios individuais e coletivos para eles. Estes podem ser ferramenta preciosa, que trazem inspiração para a prática educativa. Quando utilizamos os contos, lendas, fábulas e mitos em sala de aula, criamos a possibilidade que a criança apreenda

imaginativamente, através de uma atividade que toca diversos níveis do ser e que atinge a criança física, mental e animicamente (sua essência), permitindo que esta receba o “alimento anímico” necessário para as forças do pensar, do sentir e do querer, que trazem impulsos para que ela possa ter um desenvolvimento integral saudável. As estórias permitem a criança que esta ganhe força nas suas capacidades imaginativas, que são forças plasmadoras, essenciais para o seu crescimento, para a sua aprendizagem e para a sua capacidade de desenvolver-se em todos os âmbitos do ser.

A prática de o professor contar estórias em sala de aula torna-se uma ferramenta em que o educador (incluindo professores, pais, etc.) pode dispor para iluminar a sua prática pedagógica e a sua interação em sala de aula ou situações diversas. Em realidade, o professor naturalmente é um contador de estórias, porém, não de contos de fadas, mas de histórias verdadeiras, sejam elas com enfoque na matemática, língua materna, ciências, enfim, todas as disciplinas que permeiam o conteúdo e currículo escolar. Os contos, as lendas, os mitos e as fábulas são também uma maneira de se ensinar a história da humanidade, que é muitas vezes traduzida de forma mágica e profunda nessas modalidades de estórias.

De acordo com o referencial da Pedagogia Waldorf o desenvolvimento da criança é dividido em ciclos de sete anos denominados setênios. Em cada setênio a criança desenvolve aspectos específicos de sua corporalidade, psique e espiritualidade e a pedagogia acompanha as necessidades que este desenvolvimento demanda. .

Esse período ainda é permeado por vivências e resquícios do que foi construído no primeiro setênio (primeiro ciclo de sete anos da vida da pessoa), porém a criança agora está vivenciando também novos e diferentes processos. Por esse motivo, considera-se imprescindível abordar o período que antecede a criança nessa faixa etária desde o seu nascimento.

O foco deste trabalho está direcionado para crianças na faixa etária entre sete e nove anos, ou seja, no segundo setênio de vida (ciclos de sete anos), por ser a faixa etária em que se encontra a turma observada.

O objetivo da nossa pesquisa foi analisar as experiências vividas pelas crianças do 2º e 3º anos na Escola Vila Verde a partir dos contos de fadas, lendas, fábulas e mitos contados durante o ano de 2012 como parte das atividades curriculares.

A pesquisa em educação é um instrumento de enriquecimento do trabalho do educador; o professor pesquisador está constantemente resignificando e revendo as suas práticas e utilizando os desafios que se apresentam para buscar novas soluções e repensar, refletir, refazer, se necessário para dar um novo significado a sua prática. A pesquisa com abordagem qualitativa busca esse constante aprender com as experiências cotidianas e também compreender os processos vividos por si mesmo e pelos estudantes, possibilitando a ampliação da visão do professor em relação aos problemas e perguntas que se apresentam.

Segundo Menga Lüdke e Marli André, a abordagem qualitativa na pesquisa em educação requer que o ambiente seja natural, com fonte direta de dados e que a pesquisadora seja o seu principal instrumento; requer também que os dados coletados sejam predominantemente descritivos sobre as pessoas, situações, acontecimentos, entrevistas, fotografias, desenhos e extratos de vários documentos. A preocupação com o processo precisa ser muito maior do que com o produto e o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida requerem especial atenção da pesquisadora (1986, p.11-12).

De acordo com Denzin (1978) a observação participante é “uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção”. Esse tipo de observação requer grande envolvimento por parte da pesquisadora (apud Lüdke e André (1986, p.28).

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa através da observação participante, uma vez que a pesquisadora foi a professora regente da turma pesquisada, o que facilitou o acesso a documentos que julgou necessário e contou com uma grande cooperação da equipe pedagógica da escola, especialmente os professores, com quem teve convivência estreita durante todo o processo da pesquisa, participando do cotidiano escolar não somente durante as aulas, mas também nos planejamentos semanais, reuniões pedagógicas, mutirões realizados fora do horário escolar, além da interação direta e constante com as crianças, e em alguns casos, suas famílias.

A pesquisa foi realizada através da observação das crianças em situações diversas como a roda diária de histórias, realização dos ensaios e apresentações teatrais, construção dos textos e desenhos, recapitulação das histórias feitas através da linguagem escrita e oral (sempre a partir da percepção da criança e sem cópia da lousa), produção

de desenhos e observação destes. Como a prática de desenhar as estórias foi uma tarefa realizada constantemente, foi possível observá-los em diferentes momentos e relacionar com os processos que se manifestaram individual ou coletivamente na respectiva turma.

## **Definição de contos, lendas, mitos e fábulas**

### **Sobre os contos de fadas:**

Segundo os irmãos Grimm apud Passerine (1998, p.69), “*os contos de fadas existem desde a época pré-histórica da humanidade e sua origem é a mesma dos poemas de Homero e Hesíodo, da Edda<sup>1</sup>, do Kalevala, dos mitos védicos (Índia)*”.

Com a entrada dos contos no ocidente, foram sendo colocadas marcas regionais e os contos acabavam por serem construídos coletivamente. Os irmãos Grimm no final do século XVIII e início do século XIX fizeram uma compilação de parte desses contos durante sua viagem pela Europa, escutando as diferentes narrações em cada povoado, especialmente das mulheres, fazendo assim sua pesquisa e coletando um riquíssimo acervo destas narrações. Porém, muito anterior a isso, se tem registros de contos de fadas em papiros egípcios ou em discursos de Platão que fala sobre os contos como uma prática vinculada à educação de crianças. Torna-se difícil achar uma data exata para o seu nascimento; estes surgiram da imaginação dos homens, em época remotíssima e foram passados de geração para geração.

Desde épocas muito remotas era prática comum que as famílias contassem os contos para as crianças, mas principalmente entre adultos. Segundo Wilhelm Grimm:

*“Os contos de fadas infantis são narrados para que, com sua luz pura e suave, os primeiros pensamentos e forças do coração despertem e cresçam. Mas como, a qualquer pessoa, sua poesia simples pode alegrar e sua verdade pode ensinar e, por ser no aconchego do lar que esses contos continuam sendo narrados e*

---

<sup>1</sup> O Edda contém o que foi transcrito de uma mitologia milenar, de tradição oral, relacionada ao povo Europeu denominado nórdico. Retrata a mitologia nórdica ou germânica. (PASSERINE, 1998-p. 128)

*se transmitem de geração para geração, eles são chamados de contos de fadas de família. O conto de fadas fica afastado do mundo, num local cercado, tranquilo, de onde ele não espia para lado algum. Por isso, desconhece nomes e lugares, nem mesmo tem uma terra natal definida... é algo que pertence a uma pátria comum” Wilhelm Grimm apud Ana Lúcia Franzeri (s/d p.21)*

Os personagens dos contos são fadas, elfos, silfos, gnomos, reis, rainhas, bruxas, princesas, cavaleiros, entre outros seres e arquétipos da humanidade ou do mundo mágico. Charles Perrault (1628-1703), Wilhelm Grimm (1786-1859) e Jacob Grimm (1785-1863), deram grande contribuição para que os contos pudessem passar do “boca a boca” para o acervo literário da humanidade, elaborando coletâneas de contos como fruto de suas pesquisas, o que até hoje permeiam o imaginário da população ocidental. A partir do século XVIII os contos de fadas foram aceitos pela sociedade acadêmica e literária como literatura infantil, assim surgiram novos autores que se tornaram conhecidos e foram categorizados como escritores de contos modernos.

Alguns dos contos compilados na obra dos irmãos Grimm se repetem as histórias anteriormente escritas por Charles Perrault, que teve a sua primeira compilação de contos, intitulada “Contos da mamãe gansa” em 11 de janeiro de 1697. Charles Perrault era advogado e membro da nobreza Francesa, fazendo parte da corte do rei Luís XIV; aos cinquenta anos decidiu abandonar os seus cargos e encargos e se dedicar à educação dos filhos. Foi aí que passou a realizar a coletânea de histórias, principalmente aquelas contadas por sua mãe. Foram oito histórias e depois mais três: a de “chapeuzinho vermelho”, “Cinderela” e “Bela adormecida”. Em realidade, as histórias não eram exclusivamente destinadas às crianças; muitas delas eram destinadas aos adultos. A partir daí, os contos passaram a atingir com mais intensidade o público infantil.

O primeiro manuscrito da compilação das 51 histórias dos irmãos Grimm tem a data de 1810. A primeira edição recebeu o nome de “histórias das crianças e do lar”. A quinquagésima edição, que foi a última realizada com os autores vivos tinha 181 histórias.

A diferença entre os contos compilados por Perrault, os irmãos Grimm e os autores modernos é que os contos da antiguidade eram elaborados por um imaginário

coletivo, narrados de geração para geração e construídos coletivamente; enquanto que os contos modernos são de autoria individual.

A essência de um conto pode ter abordagens diferentes com conotação moral, ética, existencial:

*“Os contos de fadas devem, pois ser entendidos como descrições, sob formas de imagens, de profundas verdades... estes provêm de uma velha sabedoria popular, e não foram “inventados”, e muito menos redigidos com o intuito de divertir as crianças. São restos de uma velha mentalidade popular vazada em imagens e não em conceitos. Daí a sua atração para as crianças que se acham na aludida idade, num estado anímico semelhante” (LANZ, 1979,p.102).*

A estruturação dos contos é algo simples, curto, porém rico em imagens e detalhes, tendo como objetivo a realização do ser humano e podendo fazer valer elementos mágicos, espirituais, sobrenaturais, sem limitações nas caracterizações humanas e nem nas manifestações mágicas, tanto em relação a características físicas quanto morais, ambientais, de caráter, etc. O desenrolar de um conto geralmente se dá em um ou vários ambientes mágicos, que podem ser florestas, reinos, castelos, etc. Os contos, em sua maioria, são atemporais e sem espaço geográfico definido. Para a criança é uma literatura especialmente interessante e convidativa. Os contos possibilitam que esta tenha identificação com os personagens e possam seguir o “fio” que desenrola a estória, seguindo os personagens e seus feitos e acompanhando-os durante todo o percurso. Estórias com começo, meio e fim.

Alguns contos que contém elementos de conotação regional podem se encaixar na categoria de contos folclóricos. Outra categoria de contos são os chamados contos maravilhosos. Esses contos são provenientes do Oriente e as narrações ocorrem em ambientes extremamente mágicos. Sua característica principal, diferente dos contos de fadas, é que são extremamente exteriorizantes; os objetivos nem sempre são “palpáveis” porque estão vinculados a uma natureza sentimental de alma (alma), ao mesmo tempo que estão voltados para o exterior e as realizações materiais. Os personagens enfrentam desafios, conquistas, ascensão material, social, em mundos mágicos e maravilhosos. Um exemplo desses contos é o livro das “Mil e uma noites”.

### ***Sobre as lendas***

A definição de lenda no dicionário Houaiss é: *“narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico, centralizado em torno de algum herói popular (revolucionário, santo, guerreiro) se amplifica e se transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular; narrativa ou credence acerca de seres maravilhosos ou encantatórios, de origem humana ou não, existente no imaginário popular, frequentemente explicando sobre os fenômenos da natureza” (HOUAISS, p.1740).*

As lendas, assim como os contos, os mitos e as fábulas tem origem remota, muito antes da linguagem escrita, ainda na pré-história. Estas se referem a heróis, reis, rainhas, santos que, em muitos casos, fazem parte da história da humanidade e que acabam recebendo elementos mágicos que passam a compor o seu ser e seus atos de braveza e heroísmo, ou seres mágicos ou sobrenaturais que, muitas vezes se referem a manifestações ou fenômenos da natureza. Diferentemente dos contos de fadas, as lendas finalizam com a ideia de poderiam ter sido felizes para sempre, dando assim maior credibilidade a sua veracidade, deixando muitas vezes o fim da história aberta a novos acontecimentos. Nem sempre o final é feliz ou o final pode ser um recomeço de novas aventuras.

Estas também passaram a fazer parte das narrações, da tradição oral, tão comum ao longo da história da humanidade, em todas as partes do planeta desde muito tempo. Muitas lendas conhecidas pela humanidade são passadas de geração para geração, sendo modificadas em alguns detalhes, porém sem perderem a verdadeira essência. As lendas podem contar histórias de heróis verdadeiros que fazem parte de fatos históricos, porém, a ótica é outra, podendo ou almejando explicar fenômenos que muitas vezes não eram compreendidos racionalmente pelos povos, os personagens acabavam assumindo “superpoderes” ou apresentando manifestações extraordinárias da natureza ou dos seres humanos mágicos.

A maioria das lendas brasileiras provém da cultura africana, indígena ou europeia, ou seja, vieram junto com alguns povos responsáveis pela formação das matrizes étnicas do povo brasileiro. Compõe as nossas lendas as estórias como a do Saci Pererê, Mula sem cabeça, Iara, o boto, Negrinho do pastoreio, lendas indígenas da mandioca, do milho, de Jaci, Peri, Boitatá, Nossa senhora da Aparecida, etc. Das lendas europeias temos “rei Arthur e os cavaleiros da tábua redonda”, Morgana, as histórias de



São Francisco de Assis e Santa Clara, a história das crianças de Fátima, cavalo de Tróia, calcanhar de Aquiles, entre muitas outras.

### ***Sobre os mitos:***

Assim como as outras modalidades de estórias aqui citadas, os mitos parecem ter surgido junto com a época mais antiga da humanidade. O aparecimento dos mitos vem com a necessidade da humanidade de compreender a sua existência, origem e o que está além da vida material, do físico e da necessidade humana de compreender os fatos que nem sempre tem uma explicação palpável.

A antropologia tem estudado sobre os mitos e no caso das religiões dos orixás, o mito constitui um dos seus pilares:

*Na sociedade iorubana "tradicional", que Prandi qualifica como "não histórica", o mito é a chave para "alcançar" não apenas o passado, mas também o presente e o futuro (p. 24). Neste contexto cultural sem escrita, as histórias criadas, lembradas, selecionadas e relembradas pelos anciãos e por adivinhos legitimados pelas instituições de poder local constituem a própria história desses povos. Aqui o mito não representa apenas uma forma literária arcaica que fala de um imaginário localizado num passado remoto (Hofbauer 2001: 253).*

Nas escolas brasileiras nunca se fala sobre os mitos das religiões afro-brasileiras, o que nos impede de reconhecer que,

*“As histórias míticas “revelam caminhos” aos homens, avisam como aquele que pede pode atingir o objetivo desejado. Os mitos estabelecem tabus e indicam dessa forma, freqüentemente por oposição, qual a conduta “correta” a ser seguida para que não se sofra punição (terrena ou divina). É no cotidiano ritualístico, por meio da atualização contextualizada dos mitos, que se afirma e se articula o mundo dos valores iorubanos” (IBID p.255).*

Existe uma diferença básica entre os mitos e as lendas; as lendas referem-se a heróis e surgimento de seres que explicam os fenômenos da natureza localizados no tempo e no espaço; enquanto que o mito tem como base primordial explicar fenômenos como a vida ou a morte, a criação dos seres humanos e de plantas que se tornaram conhecidas. As lendas são estórias cosmogônicas e heroicas que tem caráter de revelação sagrada que o mito não tem:

*“Os mitos antigos foram concebidos para harmonizar a mente e o corpo. A mente pode divagar por caminhos estranhos, querendo*

*coisas que o corpo não quer. Os mitos e os ritos eram meios de colocar a mente em acordo com o corpo, e o rumo da vida em acordo com o rumo apontado pela natureza” (Joseph Campbell apud Sueli Passerine 1998, p. 77).*

Na mitologia védica, nórdica, grega, indígena, africana e até em escrituras sagradas como o Velho Testamento e o bhagavad-gita encontramos a origem de mitos que são conhecidos pela humanidade, especialmente no ocidente, exceto o Bhagavad-gita.

### **Sobre as fábulas:**

A definição de fábulas no dicionário Houaiss da língua portuguesa é “*narração popular ou artística de fatos puramente imaginativos. Literatura de curta narrativa, em prosa ou verso, que tem entre os personagens animais que agem como seres humanos e que ilustra um preceito moral. 2.narração de aventuras e fatos(imaginários ou não), no romance, na epopeia, no conto (HOUAISS-pág. 1297).*

Um dos grandes nomes relacionados às fábulas e seus primeiros registros escritos é La Fontaine (1621-1695). Ele resgatou fábulas do grego Esopodo (do século VI a.c) e do romano Fredo (I d.c). La Fontaine ficou conhecido também por seu humor retratado nas fábulas. Ele reavivou fábulas como as de Esopodo, mas também escreveu outras de sua autoria. Ele era conterrâneo de Perrault que assim como ele, também frequentava as cortes do rei Luís XIV. Era um homem letrado para época, tendo participado da academia francesa.

As fábulas são “historietas” que tem como personagens principais animais que atuam como seres humanos, que falam, que pensam e que se organizam, tem caráter, que pode ser “positivo ou negativo”, e geralmente, contém princípios morais e o objetivo é dar instruções às crianças.

Assim como os contos e as lendas, as fábulas também nasceram em tempos remotos, não pertencendo a nenhum povo ou local específico; etimologicamente a palavra fábula vem de fabulare, que significa assunto de conversa, conversa, boato, rumor, história. Assim, o surgimento das fábulas, ainda segundo a etimologia da palavra, aconteceu há muito tempo junto com o surgimento da linguagem falada.

## **A importância dos contos de fadas, lendas, fábulas e mitos na Pedagogia Waldorf<sup>2</sup>**

### **Histórico da pedagogia waldorf:**

A primeira escola Waldorf nasceu durante o caos social que se instalava na Europa após a 1ª guerra mundial. O nome Pedagogia Waldorf veio em consequência do nome da escola que se localizava na fábrica de cigarros Waldorf Astória, em Stuttgart, na Alemanha. O diretor da fábrica, Emil Molt, membro do movimento do que a antroposofia chamou de trimembração social, movimento esse que tinha impulsos de cidadania e autogestão, pediu a Steiner que conferisse palestras para os funcionários da fábrica, para que estes pudessem conhecer o propósito de suas funções e ter relações mais próximas e humanas entre diretor e operários. A partir da análise das dimensões específicas do ser humano, Rudolf Steiner firmou as bases de uma educação que tende a responder às necessidades atuais e futuras da humanidade. Segundo ele, uma sociedade

---

<sup>2</sup> A palavra antroposofia vem do grego *anthropós*-homem (no sentido de ser humano) e *Sophia*-sabedoria, ou seja, estudo da sabedoria humana e seu desenvolvimento. Rudolf Steiner (1861-1925) foi o criador da antroposofia, que deu origem a pedagogia Waldorf, a medicina antroposófica, a agricultura biodinâmica, a pedagogia curativa, pedagogia social e farmacologia. Steiner nasceu na Áustria e faleceu na Suíça. Ele era um estudioso de Goethe e sua formação superior era em Ciências, Letras e Filosofia. Em 1884, tornou-se professor particular de quatro crianças de uma família em Viena, sendo que uma delas com hidrocefalia. Ele era principalmente o professor dessa criança, que mal sabia ler, e por muito tempo foi seu professor, ajudando-o a completar os seus estudos e a entrar na universidade, na qual cursou e formou-se em medicina. Steiner foi editor de obras de Goethe, em quem se inspirou para o criar a “ciência espiritual” que ele chamou de antroposofia, ou seja, o estudo do ser humano em muitos âmbitos: físico, espiritual, emocional e do eu (a essência humana). Em 1894 publicou a obra que considerou a mais importante de muitas, a “filosofia da liberdade”. Em 1902 assume a secretaria geral da sociedade teosófica alemã, frequentada por madame Blavatski e outros pensadores da chamada ciência oculta, porém logo fundou a antroposofia e saiu da sociedade teosófica para assumir o compromisso de conhecer os seres humanos com profundidade e de compartilhar esse conhecimento com a humanidade.

só pode configurar-se e desenvolver-se de forma sadia e adequada às solicitações da época, se levar em conta as dimensões essenciais do ser humano.

A trimembração social busca equilíbrio e vitalidade nas forças anímicas do pensar, sentir e querer. Os princípios da trimembração social estão elencados sobre os mesmos princípios que impulsionaram a revolução francesa: a liberdade, igualdade e fraternidade, dando diretrizes as diferentes funções sociais. A liberdade foi a diretriz básica para a vida sociocultural, a igualdade para as questões jurídicas e a fraternidade como fator imprescindível para as atividades econômicas.

***Setor Econômico:** satisfação das necessidades materiais do homem por meio da produção e consumo de mercadorias. Só a cooperação fraternal de todos os indivíduos que participam desse setor pode conduzir a uma vida econômica sadia, da qual o impulso para o lucro deveria ser excluído (fraternidade).*

***Setor Político Jurídico:** fixa e aplica as regras de jogo regulador do convívio humano. Elaboração e aplicação das leis, instituições e governos, etc. Cada cidadão participa desse setor por meio de um regime democrático em que reina o princípio da igualdade.*

***Setor Cultural:** inclui todas as atividades por meio das quais o homem se realiza como indivíduo anímico espiritual: arte, ciência, esporte, religião, educação. Neste setor deve reinar a maior liberdade, acoplada ao respeito pela individualidade do outro (Disponível em <http://www.crda.com.br/tccdoc/63.pdf>, acessado em 12/02/13).*

Em relação à trimembração social vinculada à educação, no texto elaborado em conjunto pela federação das escolas Waldorf em dezembro de 1998, está dito que:

“Na educação, isso significa desenvolver na criança as bases para um pensamento claro e preciso, isento de preconceitos e dogmas, o que leva à liberdade; sentimentos autênticos não massificados e que respeitem os demais, num marco de igualdade de direitos e obrigações, e uma capacidade vigorosa de sustentar responsavelmente a fraternidade na vida econômica do futuro”.

O nascimento da primeira escola nesse modelo aconteceu em setembro 1919 a partir das conferências aos operários da fábrica que se uniram e reivindicaram mudanças na educação de seus filhos, visando a possibilidade de algo diferenciado, muito mais humano, respeitoso, artístico, enfim, a primeira escola Waldorf surgiu a partir do impulso de pais e mães que desejaram para seus filhos uma educação melhor da que a

população tinha acesso. Emil Molt pediu a Steiner que liderasse esse movimento segundo a sua concepção sócio-antropológica para que a escola para os seus operários se materializasse:

“Como escola livre, a escola Waldorf tornava real o impulso da autogestão; como escola para crianças de qualquer procedência, capacidade, raça, religião, plasmava a ideia da coeducação social” (FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF -1998).

Steiner então passou a dar conferências e seminários para que os professores estivessem capacitados a lecionar. A partir do nascimento da escola nasce também a vertente pedagógica da antroposofia, que ficou conhecida mundialmente como pedagogia Waldorf e que hoje tem mais de 800 escolas espalhadas pelo planeta, desde América do Sul, América do Norte, África, Oceania, Europa até a Ásia.

### **Fundamentos da pedagogia Waldorf:**

Segundo a pedagogia Waldorf , o ser humano é uma “*unidade harmônica psíquico-físico e espiritual*”; através dessa concepção é fundamentada toda a prática pedagógica e todo o impulso de conhecer e respeitar o ser humano em suas individualidades e coletividades inerentes a cada fase da vida.

O ser humano é um ser dotado de essência que provém de seu anímico espiritual, que é único, individual e também é dotado de corpo físico que é o seu instrumento, a sua imagem enquanto ser humano. A partir de uma visão sócio antropológica, a pedagogia Waldorf propõe que aprofundemos no conhecimento do ser e de sua íntima relação com o mundo.

A antroposofia explica o desenvolvimento do ser humano em setênios, que são ciclos de sete anos e em cada fase este necessita de diferentes estímulos (alimentos “anímicos”) para que ocorra um desenvolvimento humano saudável, equilibrado e harmônico. A pedagogia Waldorf busca contemplar esse desenvolvimento saudável em todos os âmbitos, nos quais as qualidades do “pensar, sentir e o querer” estão inseridos. Cada um desses setênios tem despertado necessidades diversas e existem perguntas a serem respondidas em cada um desses períodos do desenvolvimento humano. Cada setênio está voltado para uma forma de desenvolvimento, seja ele físico, vital, anímico e espiritual, respectivamente.

O **primeiro setênio**, entre o nascimento e os sete anos de idade (o que pode avançar ou retroceder um pouco) é a fase em que o ser humano emprega maior quantidade de forças no seu crescimento físico. Um mês após o seu nascimento, a criança já tem praticamente o dobro de seu peso e tamanho e até os sete anos é a fase em que mais cresce em toda a sua vida. Ela precisa que suas forças estejam “liberadas” para serem empregadas em seu crescimento. Se as forças de crescimento e vitalidade estiverem voltadas para o intelecto, para conceitos abstratos, estas estarão sendo tiradas de seu crescimento físico; isso se refletirá na vida adulta, quando este precisará contar com as forças do intelecto e a sua liberdade (no pensar) no âmbito cultural e intelectual e estas estarão enrijecidas.

Nessa fase da vida, a tendência natural da criança é a plena CONFIANÇA, sem restrições; ela se entrega e confia. Através da imitação, que é a grande força da criança pequena até os sete anos, ela constrói a sua aprendizagem desde o falar, o andar, o brincar, o fazer e o que é adequado ou não para o comportamento humano. A frase que reverbera no ser da criança para o mundo, no primeiro setênio é que *o mundo é bom*.

O brincar é a tarefa mais importante para a criança no primeiro setênio; ela vai aprender a ser, a se conhecer para no futuro tornar-se um adulto emocionalmente inteligente, livre, criativo e capaz de resolver os conflitos e percalços da vida. Se a uma criança pequena não é permitido brincar, sem interferência, não estará sendo permitida a ela o seu maior direito inerente a infância: o direito de brincar e deixar aflorar as forças da imaginação e da imitação, que são essenciais e “plasmadoras” de seu corpo físico e de seu desenvolvimento integral.

Os contos de fadas e as fábulas para essa fase são os mais adequados porque povoam a imaginação da criança de símbolos, imagens, sentimentos e trazem forças que auxiliam no crescimento saudável e no brincar livre da criança. Os contos e histórias em geral trazem ritmo, imaginação e tem forças semelhantes a do brincar. Como em uma brincadeira uma pedra pode ser um soldado ou um cavaleiro, um balcão pode virar um barco, essa força imaginativa também está presente nos contos quando as palavras tornam-se personagens que viajam a lugares mágicos e inusitados, onde existem seres fantásticos, capazes de serem ao mesmo tempo humanos e seres com qualidades espirituais. Essas duas forças fundem-se na hora do brincar e expressam qualidades da imaginação e da imitação.

No jardim de infância, o professor pode contar, por exemplo, o mesmo conto durante uma semana ou mais. Isso traz a criança segurança e ritmo.

*“Por meio da repetição, do ritmo, a criança aprende conteúdos que ainda não tem condições de compreender intelectualmente: canta canções de roda ou declama poemas com longas rimas e ouve o mesmo longo conto por noites sem fim, podendo recontá-lo com as mesmas palavras. Por meio de ações ritmadas, ela não se cansa, pois estas refletem os processos rítmicos dos pulmões e do coração” (PASSERINI 1998, p. 58).*

Para uma criança pequena não adianta falar o que ela deve fazer, o importante é sermos verdadeiros e autênticos na intenção do que queremos que ela faça, principalmente, do que fazemos como exemplos dignos de serem imitados. As crianças compreendem mais a autenticidade da intenção do que expressamos que as palavras propriamente ditas. Os contos tem acesso direto à alma infantil de forma que estes atingem âmbitos do ser que palavras moralizantes jamais conseguirão adentrar.

Na transição do primeiro para o segundo setênio surge a fase da imaginação criativa, quando a criação evolui de ações dominadas pelas forças vitais para atividades permeadas pelas forças do desejo; quando as brincadeiras ganham uma característica extra do brincar imitativo; agora elas passam a ter um foco, uma meta direcionada. As forças do querer passam a se estabelecer nesse período, ou seja, o querer é a força que passa a conduzir o desejo de alcançar a vontade, o ânimo de vir a ser, de alcançar as metas desejadas. Nesse momento, *“o surgimento da ação com meta definida faz supor uma estrutura anímica que aufere condições para aprender” (ibid p. 54).* Aqui o aprender gera a maturidade para o período da escolarização e especificamente, da alfabetização. Ao ocorrer o processo de amadurecimento da vontade, ocorre também uma prontidão para a aprendizagem cognitiva, sem que essa aprendizagem retire forças vitais direcionadas para o crescer.

No **segundo setênio** a criança passa a canalizar as suas forças para o que a antroposofia chama de crescimento do corpo etérico ou vital. Fisicamente ela está diferente, com o corpo “esticado” e sua expressão agora não é mais de tanta confiança, entrega e sim de expectativa. Nessa fase as forças da infância aparecem na forma de boa memória, capacidade de formular imagens e aprender com elas e na vontade de aprender através de conteúdos que façam sentido, que ampliem a visão do mundo e de si mesmo e que tragam imagens capazes de estimular a fantasia, ainda tão presente nesse

período. Para as crianças no segundo setênio, a frase que reverbera o seu mundo interior para o mundo exterior é que *a vida é bela*.

Nessa fase da vida em sincronia a um adequado adentrar na vida escolar, surge na criança as forças do pensar, porém é um pensar diferenciado das forças analíticas inerentes a outras fases (futuras) da vida. É um “sentir que pensa”. Nesse período as crianças tem grande capacidade de formular imagens em seu interior e aprender também através delas. As imagens se comunicam com os sentimentos das crianças e essas aprendem através dessa comunicação entre o sentir, o pensar e o querer. Essas três forças já nasceram e buscam equilíbrio e vitalidade.

“Na faixa etária caracterizada pela presença do professor de classe, muito se consegue da criança através de uma abordagem artística, por exemplo, por meio de imagens. Nesse sentido “imagens” não significam apenas algo visível, mas as imagens produzidas pela fala, ou seja, as narrativas é que são capazes de suscitar representações vivas” (RITCHER, 2002.p.22).

Nessa fase ocorrerá uma importante transição: a criança toma consciência de que não é mais possível a ela tornar real o imaginário e o amor incondicional pela autoridade amada já não é inquestionável; ele precisa agora que aquele que antes obtinha sua veneração e amor incondicional dê motivos para isso. É um momento em que a criança olha para o adulto já não mais com veneração, e sim com expectativa de que este possa tornar real o seu imaginário. Se o adulto consegue isso, receberá novamente a admiração e respeito da criança.

Esse é um momento crucial, tanto para a criança que busca respostas para as suas expectativas e que busca agora na autoridade (baseada no amor) a condição de realização da tarefa que ela anteriormente realizava por si só; os pais e professores precisarão saber dar vida a imaginação. Alcançado isso, a confiança e admiração são novamente resgatadas e é conferida novamente a autoridade para ensinar e a abertura para aprender.

Ao se construir um castelo de areia, cheio de detalhes; ou se contar histórias, permeadas de imagens, heróis e vilões, pessoas altruístas ou permitir e estimular os desenhos infantis baseados nessas histórias, deixando sua imaginação fluir, encenar peças de teatro, consertar brinquedos com elas e para elas, enfim, estaremos novamente tornando real o imaginário e proporcionando o resgate da confiança e da admiração tão



inerente as crianças pequenas e tão delicadas nas crianças que atingem uma nova fase na sua caminhada evolutiva.

Consideramos que esta fase do segundo setênio de vida é um momento propício para estimular a aprendizagem de valores universais como coloca Richter:

“A característica principal da fase entre os 7 e os 9 anos de idade é a acentuada disposição para aprender, sem a necessidade de emitir julgamentos próprios. É uma idade caracterizada pela boa memória, pela capacidade de imaginação, pelo prazer em repetições rítmicas e, frequentemente, por um anseio por narrativas de conteúdo universal que suscitem a fantasia” (2002, p. 21).

Nesse sentido, os contos, lendas, mitos e fábulas, contados diariamente em sala de aula enriquecem e saciam muito esse anseio pelas narrativas de “conteúdo universal”. Um conteúdo universal apreendido através de imagens e não de conceitos abstratos, ainda precoces para esse momento da vida.

Por volta dos nove anos ocorre na criança um sentimento de insegurança e afastamento em relação ao mundo e às pessoas que a cercam; pais, professores e outras referências, antes naturalmente com valores incontestáveis, agora passam a causar insegurança (em maior ou menor grau para cada um) e estas precisam de novas justificativas e muitas respostas para que possam ser resgatadas a confiança e a admiração. Ocorre uma espécie de “queda do paraíso”, quando a criança passa a ter consciência de que seus pais e professores não detém um conhecimento absoluto e nem solução para todas as suas necessidades; nesse período a absoluta entrega e confiança da criança para com o adulto tende a ser abalada. Nesse período, nas escolas Waldorf o professor conta histórias (mitos) do velho testamento, que contam de forma mitológica a criação do mundo e dos seres humanos que nesse caso tem a mesma origem como no caso de Adão e Eva que foram expulsos do paraíso e construíram uma nova vida para toda a humanidade. Em países com outras origens culturais e religiosas pode-se buscar outros mitos que se refiram a origem da humanidade.

Por volta dos dez anos a criança muda fisicamente, perdendo definitivamente aquelas curvas arredondadas da primeira fase da infância. Seus membros e músculos tem crescimento intenso e significativo. Seu intelecto passa a compreender e buscar a legitimidade dos fatos e leis que regem a causa e efeito das coisas. Essa busca por explicações ainda estão vinculadas às suas próprias vivências, buscando explicações que sejam palpáveis e coerentes ao que eles conhecem previamente. Eles não compreendem

os fatos isoladamente desse contexto e seu intelecto busca explicações na sua própria realidade. No final do segundo setênio (por volta dos doze anos) os sintomas da puberdade passam a “bater a porta” daqueles que já não são mais tão crianças, perturbando o que a antroposofia chama de vida anímica (essência humana-alma) do agora pré-adolescente.

Nesse momento surge o pensamento crítico sobre o mundo que se construiu ao seu redor e o questionamento da legitimidade dos fatos. Todo esse questionamento, dúvida e “antipatia” por conceitos estabelecidos causam o que se costuma de chamar de preguiça. Uma inatividade para atuar, em contra partida, uma grande exigência da corporeidade que exige intensa atividade física. Para esse momento, as lendas e histórias que dão inspiração através dos feitos de heróis, santos e pessoas dignas de admiração são condizentes com a necessidade do jovem buscar novas referências.

Sobre o segundo setênio, Rudolf Lanz apud Sueli Pecci Passerini, (1998 p.48) coloca que:

“No segundo setênio intensifica-se, na criança, o desenvolvimento de qualidades ligadas ao sentimento, à imaginação e a emotividade. Como nos explica Rudolf Lanz, fatores espaciais predominam no desenvolvimento que ocorre no primeiro setênio, e a partir dos sete anos de idade a ênfase recai sobre o elemento rítmico, o qual tem por campo a vida sentimental do indivíduo, seus entusiasmos e tristezas, seus anseios e expectativas. A sístole e a diástole, inspiração e expiração, são elementos essencialmente musicais, ou seja, possuem ritmo”.

Os contos, lendas, fábulas e mitos tem uma “musicalidade”, um ritmo dentro deles que é extremamente saudável para o desenvolvimento da criança e do jovem que adentrou na vida escolar, entendendo que ambos não são separados, desenvolvimento humano e vida escolar. O processo de escolarização precisa buscar compreender melhor o desenvolvimento do ser humano para trabalhar em comunhão e em harmonia, não tirando suas forças de desenvolvimento e sim acrescentando vitalidade nessas.

Consideramos que o processo de ensino e aprendizagem deve levar em consideração o “alimento anímico” que as crianças necessitam para terem um desenvolvimento intelectual-mental, físico e emocional integrados, equilibrados e saudáveis, buscando propor atividades que permitam esse ritmo, dentro e fora, inspirar e expirar.

Para uma educação integral é levado em conta o ser integral, que é composto de atividades intensas **do pensar, do sentir e do querer**. Essas três atividades, que são denominadas qualidades anímicas, precisam ser trabalhadas, especialmente nos primeiros setênios da vida humana, que são cruciais no processo de desenvolvimento dos seres humanos. Os contos, lendas, mitos e fábulas podem ser um alimento precioso de ajuda nesse processo, intercalados com outras atividades, artísticas, físicas, mentais, cognitivas. Para isso é preciso que seja levado em conta também o processo ao qual a criança está inserida e a fase em que se encontra.

O pensar nos remete ao passado, ao conhecimento, ao que já existe e precisamos buscar o querer, nos remete ao futuro, ao vir a ser, as nossas metas, propósitos e vontade e o sentir equilibra, une as duas forças e nos remete ao presente; o sentir nos remete ao sentimento despertado no aqui e agora e pode fazer a “ponte” entre o pensar e o querer que estão nas polaridades. Se o sentimento é despertado, este remete ao impulso de buscar o conhecimento e sabedoria adequados e de estabelecer propósitos.

**As atividades do pensar** estão ligadas a parte intelectual do ser humano, ao sistema neurosensorial; nesse sistema está processado o “que já existe, como o conhecimento”. Em relação à corporeidade, essa atividade está vinculada a cabeça.

**As atividades do sentir** estão vinculadas ao sistema rítmico e cardíaco, ou seja, coração e respiração. Essa é uma atividade considerada inconsciente, pois o sentir é uma consequência de algo e não trabalha no consciente, não é algo que premeditamos.

**As atividades do querer** estão diretamente relacionadas com a vontade, num sentido profundo do ser. Não é vontade de alguma coisa, desejo material e sim um ânimo, uma vontade de estar no mundo e realizar as tarefas inerentes a cada ser humano. Tarefas essas que são individuais, únicas e necessitam de vontade, de impulso.

Steiner diz que o objetivo maior das escolas e da educação em um sentido amplo deveria ser o desenvolvimento do querer, da vontade, do ânimo de vir a ser. As matérias, disciplinas e conteúdos são o meio e não o fim, o objetivo final da vida escolar. A escola, dando ênfase no querer, trabalha para a formação do sujeito livre e autônomo capaz de fazer as suas próprias escolhas de forma criativa, solidária, justa e segura. Não que o conteúdo, o conhecimento não sejam importantes, mas eles estão inseridos no processo, é parte desse e não o único objetivo da educação escolar. A

verdadeira meta da educação sob a luz da antroposofia é o querer, trazendo ânimo, vontade, atitude, propósito e liberdade para cada indivíduo vir a ser alguém que faz sentido para si mesmo e para o coletivo.

As atividades do querer estão localizadas nos membros, no sistema metabólico e motor. São atividades relacionadas com o que pretendemos realizar, ou seja, com o futuro.

Segundo Rudolf Lanz (1979, p.83), *“o pensar tem que permear o querer; é nisto que consiste a educação; mas o caminho certo passa pelo sentir”*. Cada fase da vida está relacionada a essas atividades (pensar, sentir e querer), especialmente nos primeiros três setênios, que são cruciais para toda a vida do ser humano; é preciso estarmos atentos para que cada uma delas sejam desenvolvidas e trabalhadas de forma harmônica, integradas entre si. O equilíbrio destas é essencial para a formação de seres humanos equilibrados e saudáveis em todos os âmbitos, integralmente, no passado, presente e futuro.

### **Quadrímembração:**

Na visão da antroposofia o ser humano se desenvolve de forma quadrímembra, ou seja, não é dotado somente do corpo físico o qual podemos ver e tocar. Ele é também dotado de “corpo vital” ou “etérico”, ligado ao desenvolvimento da memória e vitalidade, “corpo astral” ou “corpo das sensações”, ligado ao desenvolvimento das emoções e do Eu, ligado ao desenvolvimento do pensamento.

Se conhecermos profundamente os seres humanos e cada ciclo de seu desenvolvimento, naturalmente saberemos a direção a seguir como educadores, conhecedores dos processos em que o educando se encontra.

O educador ao eleger determinado conto para trazer para sala de aula deve ter a consciência de que força, que assunto, conteúdo ou situação pretende trabalhar e colocar intenção, ter um propósito com isso. Por vezes o professor pode perceber se a sua intenção foi alcançada ou não através das atividades relacionadas aos contos como desenhos, pinturas, textos, frases, reescrever trechos da estória, fazer a recapitulação do conto, recontar a estória com a suas palavras, dramatizações, enfim, cabe ao professor selecionar e direcionar essas atividades, sempre colocando intenção no que propõe e buscando observar os resultados a curto, médio e longo prazo.

No estudo da antroposofia com ênfase na pedagogia, Rudolf Steiner nomeou quatro temperamentos presentes no ser humano, especialmente entre os sete e 25 anos. São eles: fleumático, sanguíneo, melancólico e colérico.

Cada um destes temperamentos descreve aspectos relacionados à forma como a criança percebe e atua no mundo, às vezes mais agitada, mais determinada, mais introspectiva ou apática e cada temperamento está vinculado também ao desenvolvimento dos “corpos”. Há na literatura antroposófica vasta descrição sobre os temperamentos. O educador deve buscar conhecer profundamente os seus alunos em relação aos temperamentos; esse conhecimento pode ser uma ferramenta preciosa para o trabalho enquanto educador.

Cabe ao professor conhecer os seus alunos e reconhecer neles a diversidade dos temperamentos que compõe a sala de aula, isso poderá direcionar as suas narrativas, ora para aqueles que se dispersam facilmente, ora para aqueles que parecem atentos, mas que em realidade estão “apáticos” aos processos que se apresentam em sala de aula, ora para aqueles que estão absortos em sua melancolia ou quiçá para aqueles que são como um “estopim” e precisam equilibrar-se interiormente e exteriormente. Rudolf Steiner sugere ao professor que este procure ter práticas diversas em suas narrações, ora para os fleumáticos da turma, ora para os sanguíneos, coléricos ou melancólicos. Quando o professor direciona sua narração para um ou mais alunos de determinado temperamento, isso não significa que os outros temperamentos não serão tocados. A intenção do educador é que pode variar em relação a intensidade que se pretende atingir em cada criança ou em determinado grupo de crianças.

Se um professor direciona a sua narrativa não somente em relação ao conteúdo do conto mas preocupa-se com a forma como o conto é narrado, esta poderá ser diferente para cada temperamento; estando atento às particularidades de cada temperamento, provavelmente ele trabalhará com mais harmonia entre as suas crianças.

Os desenhos relacionados aos contos também acabam por demonstrar aspectos que não estão explícitos, eles podem demonstrar observações bastante sensíveis em relação a si mesmos. Os elementos da natureza também aparecem, como por exemplo, uma fogueira, que durante a narrativa era um elemento da estória (às vezes aparentemente nem tão presente) e que permeia o desenho de todos da turma ou de

algum deles, ou as vezes, um detalhe aparece com força na hora de desenhar a estória serão formas diferenciadas de expressão entre meninos e meninas.

Para a escolha das estórias, o educador poderá buscar material conforme a abordagem desejada, variando conforme as épocas do ano e as respectivas festividades, assuntos e situações específicas como abordagens etnográficas, tratando das relações entre os povos ou sobre suas culturas. Enfim, o professor conhecedor de sua realidade e buscador de estórias pode ter plena autonomia; um dos critérios é que este tenha um profundo envolvimento e amor com as estórias escolhidas, selecionadas para cada momento diverso da vida. Se isso acontece, ele recebe “a permissão” das crianças para a narração e estas adentram no mundo das imagens desenvolvidas a partir de suas percepções e imaginação.

Rudolf Steiner (1999, p. 20), dizia em suas palestras para formação de professores que,

*“[...] penso que seria bom refletirem sobre o conteúdo a ser cultivado nas aulas de contos. As aulas de ensino propriamente ditas resultarão de nossos critérios pedagógicos gerais; mas para as aulas de contos os amigos terão que assimilar uma matéria que será apresentada às crianças durante toda vida escolar, dos sete aos quatorze anos, de forma livre e narrativa”.*

### ***Currículo da escola Waldorf em relação ao material narrativo, do primeiro ao nono ano:***

*“O material narrativo acompanha “o caminho da criança a terra”. Enquanto que nos contos de fadas (1º ano) é vivenciado o todo, a totalidade composta por ser humano, animal, natureza e céu, no segundo ano ocorre uma diferenciação nas fábulas e lendas de santos” (anoRITCHE, pág.26).*

Para o **primeiro ano** são os contos de fadas.

A criança do **segundo ano** vivencia essa polaridade entre o animal e o santo e chega a um caminho do meio que é o caminho humano; nem santo e nem animal.

Segundo F. Carlgren (p.90) apud Passerini (1998, p.121):

*“[...] aquele que é capaz de unir e reconciliar os grandes contrastes nele próprio é capaz de alcançar força e grandeza. É perigoso mostrar aos homens o quanto eles se assemelham aos animais, sem mostrar-lhes a sua força espiritual. É igualmente perigoso deixá-los*

conscientes de sua superioridade sem também apontar as suas maldades.”

Para o **terceiro ano** é abordada a criação do mundo e o antigo testamento que permitirá as crianças nessa faixa etária vivenciarem a responsabilidade dos seres humanos perante o mundo e perante o que é divino. Para os países onde as pessoas são budistas, maometanos, hinduístas, israelitas, etc. convêm utilizar temas análogos; outros mitos que expliquem a criação do mundo e a chegada da humanidade a terra.

Para o **4º ano** a indicação são as lendas dos deuses e heróis, que podem ser de diversas origens, assim como a mitologia, que pode ser indígena, africana, nórdica, etc.

Para o **5º ano**, no currículo Waldorf são abordados temas para a leitura e narração acerca das antigas civilizações orientais como Buda, Gilgamesh, Isis e Osiris, Krishna, etc.

No **6º ano** são indicadas passagens da história moderna.

No **7º ano** poderá trabalhar com tudo que possa ampliar o interesse das crianças em relação aos povos do mundo inteiro.

No **8º ano** continua valendo as indicações para o sétimo ano e também as biografias, referências sobre aquelas pessoas que servem de inspiração para o jovem utilizar como referência.

No **9º ano** vale incluir também as comédias e anedotas, além das biografias, lendas e mitos.

Essas são indicações que não necessariamente são obrigatórias, mas podem servir de base, de inspiração para a prática do educador; este deve estar atento a subjetividades e particularidades da cultura local, dos objetivos a serem atingidos e da demanda de cada turma que é única e exclusiva.

### **Descrição da escola e do contexto escolar:**

A pesquisa foi realizada numa turma multisseriada de 2º e 3º anos, durante o ano de 2012 e início de 2013 na Escola Vila Verde em Alto Paraíso de Goiás. A Escola Vila Verde é uma escola particular, situada em Alto Paraíso, na Chapada dos Veadeiros no coração do Brasil.

A realidade local é bastante diversa, a comunidade recebe diversas influências socioculturais. Por sua beleza e riqueza natural, cercada de cachoeiras, águas límpidas, flores e uma enorme diversidade de fauna e flora que habitam o riquíssimo bioma Cerrado, a Chapada dos Veadeiros como é denominada a região em que se encontra a cidade de Alto Paraíso é visitada por habitantes de várias partes do mundo e acaba por ter um grande fluxo de novos moradores que vem e vão a cada ano .

Tem aqueles que nasceram na cidade, porém seus pais vieram de lugares distantes e, por esse motivo, essas crianças e jovens não são consideradas como locais, eles são chamados pelo “povo local” de “povo de fora”. Tem aqueles que são filhos de Alto Paraíso ou da região e seus pais também o são, assim como seus avós, etc., esses são chamados de “povo nativo”. Tem também estrangeiros que chegam a todo o momento da América latina, América do norte, Europa, Israel, etc. e acabam ficando por aqui. Tem o povo quilombola que habita a região há mais de um século e tem uma cultura bem particular. Tem os brasileiros, vindos de regiões e realidades diversas e que, pela força especial desse Cerrado, acabaram se estabelecendo na região, enfim, diversidade cultural é um ponto forte na realidade de Alto Paraíso e seu entorno. Tem o encontro entre todas as diferentes “tribos” que convivem e interagem e acabam por formar novas tribos que brotam desses muitos encontros e que acabam estabelecendo o perfil da comunidade local. Comunidades evangélicas, católicas, esotéricas, Hare Krishna, Santo Daime, espíritas, espiritualistas, materialistas, pessoas que amam o Cerrado, outros que “caíram de paraquedas”, enfim, muitas linhas de pensamento, ação e atitudes que, em uma cidade com pouco mais de 7.000 habitantes acabam convivendo bem de perto e aprendendo o respeito pelas diferenças e a diversidade.

A realidade da Escola Vila Verde não é diferente, assim como as crianças e as suas famílias. A escola, apesar de sua configuração jurídica ser de empresa, não tem fins lucrativos; a maioria dos pais que chegam à escola tem uma relação diferenciada com todo o corpo escolar, não sendo possível somente comprar o “pacote pronto” da educação oferecida ali; estes são considerados um dos pilares da escola, precisando estar diretamente comprometidos com questões diversas que vão aparecendo. A escola considera a participação dos pais essencial em todo o processo que não se restringe somente a questões referentes a conteúdos e fatos da sala de aula que dizem respeito a seus filhos. Todos precisam zelar para que a semente da Vila Verde frutifique. A escola



busca oferecer uma educação que contempla o indivíduo em diversos âmbitos do ser, buscando alternativas à educação voltada para o mercado de trabalho.

A Escola Vila Verde nasceu em 2010 de uma iniciativa de pais com boas condições financeiras que buscavam uma educação diferenciada para os seus filhos. Alguns desses pais tinham uma visão bem tradicional do que é educação, e na prática, a educação que almejavam não era assim tão diferenciada. Através da iniciativa e de investimentos financeiros de alguns desses pais foi possível colocar “a semente da Escola Vila Verde na terra para germinar e florescer”.

Durante o ano de 2010, 2011 e primeiro semestre de 2012, a escola tinha três famílias que eram os “donos”, além da equipe pedagógica e de apoio que foi configurando-se conforme a escola ia acontecendo. O processo pedagógico parecia desconectado do administrativo. Em 2012 a escola começou a passar por dificuldades financeiras, pois as mensalidades dos alunos não cobriam todos os gastos e essa crise impulsionou uma transformação que a pesquisadora considerou bastante positiva para o crescimento e fortalecimento da equipe, de algumas famílias como fortes parceiras e de outras parcerias estabelecidas ao longo do ano de 2012. Aqueles pais que eram os donos da escola por motivos particulares ou devido à mudança de cidade, abriram mão da empresa, passando a responsabilidade jurídica para um novo sócio que não era empresário e sim educador. Apesar da crise financeira, a equipe pedagógica tornou-se cada vez mais fortalecida em seus ideais educativos e filosóficos de vida; para a maioria dos integrantes da equipe, a escola não é algo separado da vida, buscamos a qualidade de uma educação que visa não endurecer o intelecto das crianças para que possam ser sujeitos autônomos, criativos, pensantes, capazes de formular pensamentos e atitudes a partir de si mesmo, com uma visão de mundo permeada por valores de solidariedade, de cuidado com o próximo (incluindo todos os seres), de amor e da força da paz.

Esta crise financeira, em realidade libertou o processo pedagógico e fortaleceu a união em prol de um bem maior que é uma educação de qualidade e não de quantidade, que almeja trabalhar dentro dos preceitos da abundância e da liberdade, da autonomia e da constante busca por reciclar-se para que a cada dia possamos melhorar o projeto de vida por uma educação de paz, de respeito ao próximo, a si mesmo, ao planeta Terra e a todos que nela habitam.

A Escola Vila Verde trabalhou com 45 alunos em 2012 e inicia o ano de 2013 com cerca de 50 alunos. Na sala de aula onde foi realizada a pesquisa, no ano de 2012 estudaram 11 crianças, sendo cinco meninas e seis meninos.

### **ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:**

Nesse tópico serão destacadas as fontes das narrativas escolhidas, justificando a escolha de algumas destas e analisando os dados coletados através da observação-participante, da análise de desenhos, textos e dramatizações teatrais realizadas pela turma. Os dados analisados referem-se ao ano letivo de 2012 e início de 2013, quando a mesma turma foi mantida com algumas mudanças. A turma que terminou o ano de 2012 com 11 alunos e iniciou 2013 com dez alunos, sendo que dois alunos são novos e três saíram ao final do ano por motivo de mudança de cidade.

Sobre as fontes das narrativas selecionadas para a pesquisa, estas foram bastante diversas, sendo que a maioria delas tem procedência de livros e coletâneas de escolas Waldorf espalhadas pelo Brasil. Foram utilizadas bibliografias de compilação de histórias de Ana Maria Machado, Karin Stach, Ruth Salles, professor Mário Zorik que fez um trabalho de formação de professores em algumas comunidades quilombolas da região e escreveu um livro com uma coletânea de histórias contadas oralmente nas comunidades, no intuito de registrar essas histórias passadas de geração a geração que retratavam um pouco do “estado anímico” e da história desse povo. Essas histórias estavam se perdendo pelo desinteresse dos mais jovens em escutarem as narrações, então, o professor editou o livro na intenção de deixar como material pedagógico nas escolas quilombolas para que as professoras pudessem utilizar com as crianças. Foram utilizadas para pesquisa também histórias indígenas, africanas, contos dos irmãos Grimm, histórias relacionadas às épocas de páscoa, São João, Primavera ou arcanjo Miguel, natal, histórias da criação do mundo, velho testamento, etc.

Ao longo do ano foram realizadas atividades relacionadas às narrativas, como o reconto, desenhos acerca das histórias, dramatizações, etc.

Para algumas das crianças observadas, recontar as histórias e organizá-las em forma de texto foi algo que demandou grande esforço. Era possível ficar “rodando” em volta a seus pensamentos por muito tempo até encontrar a organização interna para conseguir recontar a história com começo, meio e fim. Muitas vezes não era possível

concluir essa tarefa no horário da aula. Já para outros, encontrar “o fio” que conduz a estória era algo simples e natural.

Ouvir as estórias, desenhá-las e recontá-las quase que cotidianamente foi um exercício que demandou ritmo, constância e foco; para compreender as narrativas no momento em que é narrada é uma qualidade que a criança tem quase que naturalmente, porém organizá-la internamente e expressá-la novamente a partir dela mesma exige um exercício e uma força diferente.

## **Análise dos desenhos**

*“Os contos são, [...], um alimento inexaurível para as crianças em uma determinada idade. Mostram em suas imagens, tendências e anseios que, inconscientemente, desenharam-se na alma infantil, gravando em seu subconsciente, ideais e anseios que, mais tarde, transformam-se naturalmente nos ideais e aspirações da vida. Há uma afinidade profunda entre o mundo dos contos e a alma infantil” (1979, p.103).*

A pesquisa aconteceu durante todo o ano de 2012 e teve a sua conclusão em 2013, quando a pesquisadora pôde seguir com a mesma turma e observar na prática, os resultados surtidos pelas narrativas.

A essência da estória, os seus “detalhes”, a sua riqueza de imagens, o conteúdo explícito e implícito, a sua simbologia que conversa de “alma para alma” são formuladas a partir da imaginação da criança e da sua grande capacidade de construí-las mentalmente. As crianças conseguem expressar de maneira profunda e genuína sob a forma de desenho o que foi “dito” à sua alma infantil, mesmo que nas entrelinhas. Foi possível observar formas distintas de expressão (desenho, texto, teatro e observação) e a atuação gradual de cada uma no ser integral da criança, bem como de onde “brotaram” essas manifestações e que qualidades carregam consigo. Essas qualidades podem estar mais vinculadas ao pensar, ao sentir ou ao querer, ou, em equilíbrio, a todas juntas, em harmonia.



**“O Bambu” - Desenho 1**

**Aluna C.**



**“O Jequitibá”- Desenho 2**

**Aluno B.**



**“O Jequitibá”- Desenho 3-Aluno E.**

Vamos analisar em profundidade o desenho 3 feito pelo aluno E. que durante as atividades relacionadas às estórias demonstrava que seu interior estava necessitando de vitalidade, organização e de um “chão” firme para pisar. Se observarmos o desenho 3, o chão quase que fica no céu, ele escreve somente a metade de seu nome e não dá para saber se o que está em cima do tronco é referente à copa da árvore ou ao chão. Seu nome está escrito pela metade, mesmo quando ele sabe escrevê-lo corretamente.

Antes de começar a realizar as tarefas, ele dava muitas voltas ao redor de si mesmo, até conseguir encontrar a concentração e calma necessárias para desenvolver a atividade; o que para muitos era simples e prazeroso, para ele era um desafio extra. Por

vezes ele somente conseguia fazer a atividade se todos saíssem da sala, por exemplo, para o recreio, e ele ficasse sozinho com a professora.

Alguns meses depois, ele consegue realizar a atividade de reescrita da estória ou um desenho com muito mais leveza; sua escrita ainda está em processo de organizar-se, mas ele já consegue ordenar o pensamento, sem ter que dar tantas voltas como acontecia anteriormente e consegue localizar na estória o fato que gostaria de relatar, além de buscar maior beleza, vitalidade e capricho em suas atividades. Se, por exemplo, a estória se referia a um assunto x, ele perguntava insistentemente se podia desenhar sobre os monstros de seu jogo eletrônico ou outro assunto que nada tinha a ver com o tema, ele insistia e desenhava o que vinha na cabeça dele. Muitas vezes demonstrava em seus desenhos e em sua escrita outros processos internos como podemos ver numa série de desenhos logo abaixo. Ele realmente se encontrava em um estado desvitalizado, apesar de ser um menino cheio de energia com boa capacidade de se expressar. Um dos contos que escolhi para contar com intenção especial direcionada para ele foi “O Burrinho” dos irmãos Grimm (ver em anexo).

Escolhi esse conto pela riqueza de detalhes e símbolos ligados diretamente à alma humana; também por esse abordar, de forma simples, mágica e sagrada que traz questões como o resgate do sagrado, masculino e feminino, quando o príncipe com pele de burro tira a pele na noite de núpcias e transforma-se no mais belo jovem que a princesa já havia visto. O príncipe era um homem bondoso, corajoso e íntegro. O conto também trata de virtudes como a integridade, a confiança, o amor incondicional e do medo de tirar a capa de proteção, mesmo que essa esconda uma enorme beleza.

No dia em que foi contado o conto do Burrinho ao aluno E para quem direcionei especialmente a intenção da narrativa, sua reação foi falar com muito desrespeito, fato que nunca tinha acontecido com tanta agressividade anteriormente. Depois da narrativa, a professora e o aluno E saíram da sala para conversar em particular para que se acalmasse. Em nenhum momento da conversa foi abordada a estória; a reflexão dele veio mais tarde, passado o calor do acontecido. A partir desse dia foi estabelecida novamente a relação de respeito e amor entre aluno e professor. Não que ele tenha mudado em um “passe de mágicas”, mas o respeito foi resgatado.

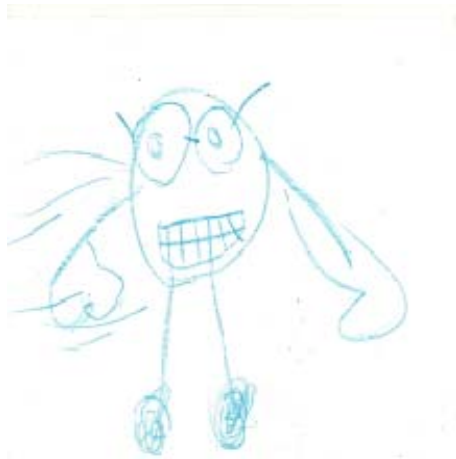
Ainda em relação aos desenhos acerca das narrativas, através destes é possível observar se a criança teve um contato mais aprofundado com a narrativa ou não. Muitas

vezes aparecem elementos da estória que em alguns casos manifestaram-se para todos. O desenho, na infância expressa o sentimento e a criança é capaz de captar nas estórias elementos anímicos que não é possível de se observar intelectualmente.

No caso do conto do “Burrinho” foi a fogueira em que o bondoso Rei queimou a pele de burro e passou a noite em vigília ao seu lado.



Apresentaremos a seguir uma sequência de desenhos do aluno E. feitos em um mesmo período no início do segundo semestre entre os meses de agosto e setembro de 2012. Todos são desenhos das estórias contadas em sala de aula.



**Desenho -“Os sete gigantes”**



**Desenho -“A boneca mágica”**



**Desenho -“Os sete gigantes”**



Agora vamos apreciar os desenhos feitos pelo aluno E. em fevereiro de 2013 acerca do mito da criação do mundo e da arca de Noé:



### **Reconto do aluno E. da história da arca de Noé.**

[...] Noé mandou uma coruja para ver se as águas já tião acalmado e o corvo não voltou.

Essa pequena frase acerca da estória da criação do mundo foi realizada de forma concentrada e rápida pelo aluno E. e sua letra é legível. O resumo ainda é incoerente, pois o pássaro que saiu foi a coruja e quem não voltou foi o corvo, apesar disso, ele conseguiu contar um trecho da estória até o final.

Ainda em relação a elementos que acabam por aparecer nos desenhos ou textos das crianças, é possível observar na narrativa da “Arca de Noé”, que a maioria das crianças colocou o ramo verde que o pássaro trouxe de volta à arca para avisar que as águas estavam baixando.

### **Desenho do aluno C acerca da história da “Arca de Noé”:**





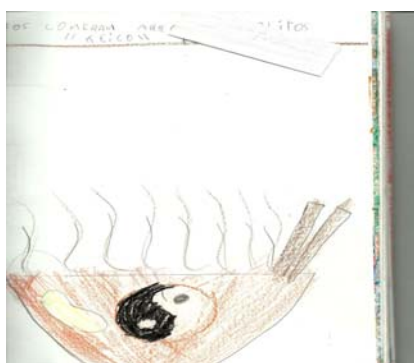
No caso do aluno Y., no desenho acima, ele não desenhou o ramo, mas o pássaro aparece no desenho.

Outras fontes escolhidas foram os contos de Grimm, as histórias bíblicas do novo e velho testamento, de Krishna, de Buda e algumas estórias do livro “Criança querida- o dia a dia da alfabetização” de Leonore Bertalot que contém um acervo de contos para serem contados em todas as épocas do ano. Usamos o “O manual para

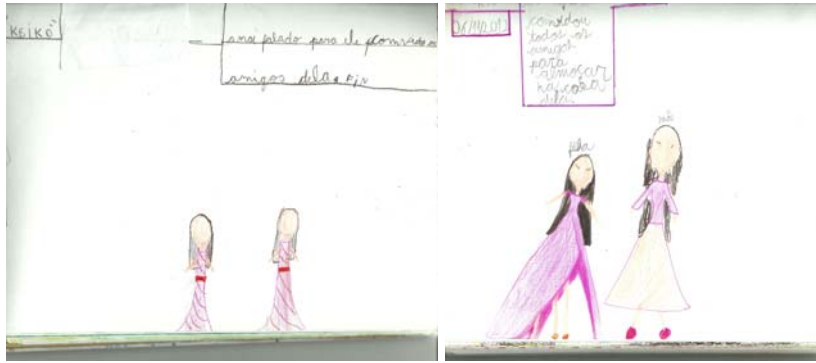
educadores da juventude” da escola Monte Azul que contém estórias relacionadas às épocas do ano e as festas cristãs como a páscoa, São João, a primavera ou Micael (Arcanjo Miguel) e Natal ou advento. Também contamos os mitos de alguns povos indígenas, como por exemplo, o mito Krahô da descoberta da semente do milho (catxêkwyj- a estrela mulher) ou a lenda da mandioca; aproveitando o momento para fazer “pão” com mandioca e polvilho. As crianças colheram a mandioca, descascaram, lavaram, botaram para cozinhar a mandioca, amassaram e misturaram com polvilho para fazer as bolinhas e botar para assar; quando ficou pronto, o “pão” foi distribuído para a escola toda.

Nós contamos outras histórias de crianças africanas, italianas, marroquinas e japonesas. Nessa série apresentou-se algo curioso que foi a questão dos gêneros. Para as quatro estórias as meninas desenharam as personagens e os meninos, os alimentos que foram citados na história.

Meninos:



Meninas:



Além dos desenhos acerca das narrativas, as crianças fizeram muitas vezes o exercício de recontar e reescrever a estória narrada, geralmente no dia seguinte. Como ressalta Passerine (1998, p.119),

*“o recontar das histórias, que em geral ocorre no dia seguinte, inicia-se a partir da classe de crianças por volta de sete anos [...] outro aspecto importante de se recontar é a criança aprender a construir o fio narrativo, ou seja, vivenciar o começo, meio e o fim de seus aspectos essenciais, afastando-se dos detalhes”.*

Consideramos que fazê-los recontar a história é importante para que a criança possa organizar o seu pensamento de forma objetiva. Apresentamos a seguir alguns textos criados pelos estudantes sobre a estória da Arca de Noé:

#### **Reconto do aluno C de oito anos acerca da história da arca de Noé:**

“Deus falou a Noé para construir uma arca que ele ia mandar um dilúvio e destruir a terra”.

#### **Reconto do aluno J. de nove anos:**

“Noé construiu uma arca com dois animais de cada espécie uma fêmea e um macho. depois de sete dias começou a chover a chuva durou quarenta dias mas continuou alagado por 150 dias depois de 150 dias a arca parou de andar” (menino J. de nove anos).

#### **Reconto do aluno E. da história da arca de Noé.**

[...] Noé mandou uma coruja para ver se as águas já estão acalmado e o corvo não voltou.

### **Reconto da aluna B. de nove anos:**

“deus falou que ele ia fazer um dilúvio e falou que era para noé juntar todos os animais e colocar dentro da arca e esperar. Todas as pessoas rião. Deus mandou o dilúvio e só noé, a família e os animais ficaram salvo. Então eles chegarão na terra e apareceu um arco-iris” (aluna B, de nove anos).

### **Reconto da aluna A. de sete anos:**

“Um certo dia Deus falou para noe. Vose vai comstruir uma arca e vai com sua família para a arca. E ele e sua família . E Deus fechou a porta da arca. Deus mandou uma tempestade. Depois de sete dia noé voltou para a terra firmi e noe mandou a pomba com o galho” (aluna A, de sete anos).

### **Aluno H. de oito anos:**

“Deus disse para noé construir uma arca e depois colocar dois animais de diferentes espécies e levar sua família tbm pq Deus dessidiu fazer um diluvio pq.tinha muita pessoa que fazia mal ao planeta (aluno H. de oito anos).

Para cada idade ou fase da vida são indicadas histórias específicas. No caso do terceiro ano é indicado que as crianças tenham acesso às histórias que os remetam a criação do mundo, à sua origem, pois nessa fase da vida aparecem questionamentos sobre a sua própria origem.

Por volta dos nove anos a criança passa por um momento de grande solidão e dualidade. Ela não sabe se quer isto ou aquilo, se ainda brinca de boneca e carrinho ou se isso é coisa para criança pequena, se ama ou odeia o seu colega ou se o que é, é dotado de beleza ou não; esta já não é capaz de realizar o que fazia anteriormente, pois “aquilo” era inerente confiança plena e ao mundo permeado de fantasia que vivia anteriormente. Agora surgem novas expectativas do mundo e dos adultos que o cercam. Acontece, em maior ou menor grau, uma espécie de queda do paraíso. Assim como Adão e Eva foram expulsos do paraíso, as crianças nesse período da vida se sentem expulsos daquele mundo de plena entrega para adentrar em um momento repleto de dúvidas, expectativas e sentimentos de solidão. Nesse período, nas escolas waldorf, são narrados mitos a respeito da Gênese da criação do mundo. Surge a pergunta inerente a toda humanidade: de onde vim e para onde vou? Segundo Passerini (1998-p. 118):

*“Um esclarecimento para o motivo de narrarmos as gêneses das mitologias hebraicas, nórdica, hindu, persa, grega: a grande pergunta do homem o remete sempre às origens. Para a antroposofia, cada mito, com sua respectiva Gênese cósmica e humana, revela um âmbito particular da origem, sendo que seu conteúdo expresso e seu conteúdo não revelado à razão são diferentes”.*

Inclui-se aí a gênese dos povos indígenas, africanos e outras acerca da criação da humanidade.

Texto e desenho da menina I, de nove anos, sobre a história (gênese) da criação humana, o qual expressa bem a dualidade inerente a esse período. A história contém muitos elementos e processos da criação do mundo, mas a criança que passa por esse momento de seu desenvolvimento opta por esse trecho da história. :

“Deus criou o dia e a noite e a luz ele deu o nome de dia e a escuridão de noite”.



Ao longo do ano de 2012 foram aparecendo questões em relação às narrativas que iam como que “transbordando” a intimidade do grupo restrito à sala de aula. Uma dessas questões ocorreu quando ao observar a turma e perceber que eles estavam precisando de referências de pessoas boas e altruístas, ao mesmo tempo, fortes e guerreiras com energia ativa, semelhante à deles, especialmente para os meninos do 3º ano, a pesquisadora selecionou um conto de Krishna do livro “As aventuras do jovem Krishna” da editora Madras.

O livro tem uma série de contos sobre Krishna quando jovem; foi escolhida a história de “Krishna e o menino amedrontado” (ver em anexo). Como era uma história longa, ela foi contada em quatro dias, uma parte a cada dia. A história foi selecionada

por se referir à relação de amor entre professor e alunos, o respeito à diversidade; quando os meninos frequentavam uma escola para Brâmanes, príncipes e meninos do povo tem as mesmas funções de lavar banheiro, arrumar a casa, cozinhar, lavar e aprender sobre o mundo letrado e as artes da guerra. A história “fala” nas entrelinhas sobre a compaixão, a amizade, o respeito pelas limitações alheias e a superação destas. Ao final da semana tivemos um contratempo onde duas mães, uma evangélica e a outra católica, colocaram a sua preocupação de que seus filhos fossem doutrinados e virassem Hare Krishna. Essa reunião nos permitiu esclarecer que a história do jovem Krishna não tinha nenhuma conotação religiosa, muito menos de doutrinação, apenas procuramos uma estória que tivesse referências de valentia com propósitos altruístas para que as crianças pudessem perceber sua própria força, além de poderem reconhecer a existência de outras culturas e tradições. A história mostra as crianças comuns, o ashram (modelo de escola de internato ainda comum na Índia com escolas voltadas para adultos e/ou para crianças), os alimentos e hábitos locais, enfim, remete às crianças a outra cultura e possibilita o conhecimento de *conteúdos universais*, além de trazer referências de coragem e amor. Eles gostaram muito da história de Krishna. Ambas compreenderam a situação e não questionaram mais sobre esse assunto.

Sobre as narrativas que levam as crianças a viajar para outras culturas, Ritcher em sua edição sobre o currículo das escolas waldorf, elaborado pela federação das escolas waldorf coloca que:

*“A característica principal da fase entre os 7 e os 9 anos de idade é a acentuada disposição para aprender, sem a necessidade de emitir julgamentos próprios. É uma idade caracterizada pela boa memória, pela capacidade de imaginação, pelo prazer em repetições rítmicas e, frequentemente, por um anseio por narrativas de conteúdo universal que suscitem a fantasia” (2002, p. 21).*

Assim como histórias de Krishna foram contadas histórias de São João, Jesus, Buda, Nossa Senhora da Aparecida, São Francisco de Assis, Arcanjo Miguel, enfim, todas abordadas dessa mesma forma, sem conotação religiosa ou doutrinaria como referências para as crianças que tanto buscam exemplos no mundo dos adultos.

A Escola Vila Verde é uma escola laica que recebe pais e mães de diferentes religiões e culturas, que cultivam a espiritualidade ou não, que tem religião definida ou não.

A análise dos desenhos e recontos realizados pelas crianças ao longo da pesquisa demonstraram que com o passar do tempo os desenhos foram ficando mais bonitos, cheios de detalhes e vitalizados; o exercício de recontar as histórias também foi uma ferramenta essencial para que a organização interna das crianças fosse se estabelecendo ou reestabelecendo.

Segundo RITCHER,

“Na faixa etária caracterizada pela presença do professor de classe, muito se consegue da criança através de uma abordagem artística, por exemplo, por meio de imagens. Nesse sentido “imagens” não significam apenas algo visível, mas as imagens produzidas pela fala, ou seja, as narrativas é que são capazes de suscitar representações vivas” (RITCHER, 2002.p.22).

### ***Sobre as dramatizações:***

*"Nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres, que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas" (Rudolf Steiner).*

Ao longo do ano de 2012 foram dramatizados dois contos, um no final do primeiro semestre e outro no final do ano letivo. O primeiro conto escolhido foi “A rainha das abelhas”. É um conto que está na obra dos irmãos Grimm e que foi traduzido por Ruth Salles. O processo de construção do teatro foi interessante desde a escolha do conto, os ensaios e as manifestações que ali aconteceram, incluindo também a produção dos figurinos e cenários. Foi possível constatar que todo o processo foi permeado de envolvimento e colaboração dos alunos, porém com diferentes níveis e áreas de envolvimento por parte deles.

A história fala de três irmãos, dois eram considerados muito espertos e o mais novo tem o nome de bobo. Os irmãos mais velhos saem em busca de aventura e se perdem no mundo; a mãe pede ao bobo que os resgate. Eles sempre caçoavam e

desacreditavam esse irmão, porém, esse mantém a integridade e não se afeta pelo desdém de todos e torna-se o herói da estória.

A dramatização incluiu a todos os estudantes da sala, sendo que todos tinham um papel especial escolhidos por eles. O bobo foi o menino que estava tendo maiores dificuldades de aprendizagem e comportamento em sala de aula; os irmãos foram dois meninos que tinham nesse momento um pouco da postura de sentirem-se mais espertos do que todos da turma; as formigas foram outros dois meninos; os patos a princípio seriam dois meninos e as princesas eram as três meninas da classe, porém, na estória, tinha uma que era a mais jovem e bela das três. Durante todo o processo, duas delas queriam ser a princesa mais bela e jovem; houve pouca interferência da pesquisadora para a questão, que ao longo do bimestre foi resolvida entre as duas, sendo que uma abriu mão e isso fortaleceu a amizade entre as meninas, sendo ambas dotadas de personalidade bastante forte e de liderança. Foi uma aprendizagem forte para ambas, especialmente para aquela que abriu mão e aceitou que a outra fosse a outra princesa.

Um dos meninos que era o pato participou de todos os ensaios, porém ele sempre dizia que não ia apresentar no dia da peça, então, ficou acordado que ele iria ajudar no cenário e figurinos, mesmo assim ele participou dos ensaios, tentando convencê-lo que mudasse de ideia e participasse no dia da apresentação. Ele é um artista no que diz respeito aos trabalhos manuais, desenhos e pinturas; se dedicou a essa atividade com muito capricho e vontade, sua resistência à dramatização era por sentir-se exposto. Não foi dessa vez que ele participou da apresentação, mas a sua parte no cenário foi fundamental na peça; ele fez o castelo encantado.

O aluno que representou o bobo foi bastante expressivo, fazendo seu papel com muita intimidade com a dramatização e com a bondade do bobo, pois ele é uma das crianças da sala que tem a qualidade de perdoar facilmente.

No dia da apresentação o menino que era um dos irmãos do bobo chegou à porta da escola com sua mãe e não quis participar do teatro; depois foi relatado pela mãe que naquele momento ela e o pai dele estavam separando-se; ele já vinha manifestando-se em sala de aula através dos seus desenhos que eram feitos somente com lápis grafite, cheios de monstros e demônios. Nos outros dias que se sucederam ao teatro conversamos com ele, em particular, sobre as questões como a união e o



comprometimento com a turma. As crianças logo, no dia seguinte, chegaram cobrando dele a sua desistência, mas relevaram e passou.

Sem um dos irmãos na última hora, as crianças contaram com o auxílio da pesquisadora, lindamente se articularam, trocando de papéis e criando uma atmosfera de união (unidade) entre a turma. O enredo foi comentado muitas vezes com diferentes abordagens ao longo do bimestre. Eles sabiam o conto de trás para frente e frente para trás. Ora algum aluno tecia um comentário, ora a pesquisadora trazia a tona questões que apareciam no conto. Muitas vezes apareceram insetos na sala como aranha, borboleta e outros, a reação de todos foi uma atmosfera de respeito e cuidado com todos os seres, independentemente de sua condição, mesmo que esse representasse algum perigo. A ideia é mostrar que é preciso tomar cuidado com as aranhas, os escorpiões e as cobras que são perigosos, mas não são maus, não precisamos matá-los ou maltratá-los, sem motivo aparente, só porque eles estão passando na nossa frente. Todos na sala têm essa consciência.

A outra dramatização aconteceu no dia 12/12/2012 (nada premeditado). A estória foi a do “príncipe das virtudes” (que em realidade foram dois príncipes, ver em anexo). A estória foi elaborada pela pesquisadora, a professora Índia e Leandro, ambos do projeto Quintais Verdes. A estória refere-se a virtudes e valores humanos. Ela conta a estória de um príncipe e seus cinco amigos que vivem tranquilamente em um castelo, só que tem uma única coisa que eles não podem fazer que é sair de dentro dos muros do castelo para ver o mundo. Na medida em que foram crescendo, eles passaram a ter curiosidade sobre o mundo lá fora, finalmente, eles resolveram sair e quando voltaram foram expulsos por terem descumprido a ordem do rei e da rainha.

Sem os seus amigos, os meninos sentiram-se tão tristes que não puderam deixar de sair para resgatá-los, deixando para trás todo o luxo e segurança. Para resgatá-los, eles precisariam passar por três provas: uma de amizade, outra de coragem, e a última era de bondade. Quando os meninos príncipes foram embora do castelo, este se tornou frio e triste e a vida perdeu o sentido para todos que ali ficaram inclusive o Rei e a Rainha. A luz e o calor da alegria somente voltaram ao castelo quando os príncipes e seus cinco amigos retornaram de sua jornada de aprendizados e evolução.

A estória trata de crianças que tem tudo que supostamente precisariam, mas que deram maior valor à amizade pura e verdadeira e que, para resgatar a luz no coração de

todos, mesmo os que não sentiram a perda dos amigos conscientemente, mas através do desaparecimento da alegria, do calor do castelo, tiveram que dar provas de coragem, amizade e bondade, desapegando de todo o luxo e comodidade em prol de um bem maior.

A prova de amizade é dada através da compaixão com o amigo, que está com frio e fome; é a doação, o compartilhar, o sentir o sentimento do outro, até mesmo acima de seu próprio sentimento. É uma atitude permeada pela qualidade anímica do sentir. A segunda prova, que é de coragem, exercita na criança a coragem de realizar a missão, de fazer o que é necessário para libertar os amigos e de se sensibilizar com a destruição da terra, não como algo normal, mas como algo a ser curado, independente da consequência disso; essa cura depende de atitude e impulsiona a qualidade anímica do querer.

A terceira prova é a de bondade: é algo que é aparentemente simples, mas que talvez seja a mais complexa. Para que a criança tenha bondade, ela precisa ser grata, mesmo com todos percalços e desafios a serem enfrentados; se os meninos atravessaram as montanhas mais altas do planeta terra e em nenhum momento reclamaram ou desistiram e ao chegarem do outro lado e encontrarem seus amigos, sentiram simplesmente gratidão por terem conseguido e despertaram a gratidão no coração dos amigos que se sentiram novamente alegres e gratos por terem sido resgatados pelos príncipes, esses meninos terão mais motivos para serem bons. Para eles é preciso que sejam bons, sem outra opção, pois a prova é de bondade. Ser grato por algo além de presentes materiais ou de gratidão superficial significa que se está reconhecendo o bem maior, que atinge a todos e que está ao nosso alcance, mas que nem sempre valorizamos.

O fato de eles terem tudo no castelo, do bom e do melhor e mesmo assim terem vontade de ir além, de conhecer a verdade fora dos muros também é um impulso de querer estar em constante evolução, de ser um ser humano em que não está estagnado, que está se construindo a cada dia e que busca conhecer a verdade e transformá-la. É uma atitude novamente permeada pelas forças do querer.

Outro elemento é a ajuda da mãe terra; a terra é nossa mãe e devemos cuidar dela, assim como ela sempre nos cuida e auxilia, no caso de estarmos conectados e trabalhando em prol da verdade, da bondade, da integridade. Nossos desejos e vontades

não podem estar acima da unidade que somos ou pelo menos não devem. Se a missão é verdadeira a nossa mãe nos auxilia, caso contrário, toda a abundância, inerente a terra poderá se extinguir. Na estória ocorre esse “diálogo”; vão em frente que vocês não estão sozinhos! O desafio é manter o foco e a integridade que o tempo inteiro, em todos os momentos as provas são permeadas de coragem, bondade, amizade e de auxílios extras.

Todo esse empenho e impulso trouxe também liberdade, não somente para eles, mas para todos os que habitam o castelo e os que estão do lado de fora e que eram governados por um rei que os ignorava, que fechava os portões para a realidade e para as necessidades de seu povo.

Em relação às crianças, a maioria delas esteve à vontade e demonstraram estar cada qual apropriada de seu papel, conhecendo a estória na ponta da língua, mesmo que nos ensaios, em alguns momentos, parecessem que estavam desconectadas do processo, virava aquela bagunça. O processo todo foi bonito. A ideia de realizar a dramatização nasceu na turma de 2º e 3º anos, porém a professora do 1º ano fez o convite para realizarmos o teatro juntos; então veio a ideia de que as crianças do jardim poderiam ser as borboletas e os vagalumes. E assim aconteceu, foi feita a proposta para a turma do jardim. Então ficou assim: jardim, 1º, 2º, 3º anos. As crianças do 4º e 5º anos se disponibilizaram para fazer a parte musical, com as flautas; as crianças amavam os encontros para os ensaios e produzimos com eles alguns figurinos, ensaiamos as músicas, etc. Teve também a participação de um parceiro da escola no violão, que muito nos ajudou nos ensaios, tanto do teatro quanto das músicas, bem como no dia da apresentação.

Em muitos momentos não foi simples; unir todas as turmas significava mais bagunça e barulho, mas todas as crianças demonstraram união e conexão com o processo, se entregando no momento da apresentação. Aquele menino que na última hora “abandonou a barca” da “rainha das abelhas”, agora fez a sua parte com muita dedicação.

A união entre todas as turmas permitiu também a troca entre os educadores e as crianças que compartilharam entre si os seus talentos e aptidões. É visível perceber nas observações realizadas que o teatro e a música atingem profundamente o ser integral das crianças. Cabe aos educadores desenvolver discernimento acerca do que vitaliza e o que

desvitaliza a criança, pois a atração deles em relação a essa linguagem é inerente a seu processo de desenvolvimento.

Sobre as crianças no segundo setênio e sua ligação com a linguagem do teatral e musical, Sueli Passerini (1998, p.116) coloca que “a criança desse setênio vivencia os elementos musicais, a harmonia e o ritmo como expressão de que seu corpo vive mais intensamente, a respiração e a circulação. Na primeira fase ela era produtiva do elemento plástico, enquanto na segunda fase sente-se fortemente atraída pela música e pelo teatro.

### Desenhos sobre a estória “Príncipe das virtudes” feitos em março de 2013:

Desenho 1-Aluna C.



Desenho 2-Aluno K. que foi um dos príncipes



No desenho número1, a aluna diz que desenhou a águia dourada, falando com a princesa das borboletas que foi o seu papel no teatro. O desenho número 2 é refere-se a fuga pelos portões do castelo, sendo que o menino que desenhou foi um dos príncipes que fugiu. O desenho 3 refere-se ao castelo e às borboletas que ajudaram os príncipes a

plantar a terra; a menina que desenhou era uma das borboletas. O quarto desenho refere-se ao barco chegando na terra devastada, onde estavam os amigos aprisionados. Este não desenhou a sua cena. É curioso, pois este faltou a aula por quase dois meses durante os ensaios porque a sua mãe estava para ganhar bebê e ele estava acompanhando esses processos; ele chegou uma semana antes da apresentação, tendo participado de cerca de três ensaios, enquanto o resto da turma vivenciou a peça durante três meses.

Depois da apresentação uma atmosfera de emoção se instalou em muitos pais e parentes, assim como nas crianças, que pareciam estar bem emocionadas. A apresentação foi grande, para muitos convidados; parece que isso não os intimidou e sim, um sentimento de integridade e de fazer o que se propôs a fazer tomou conta de todos, mesmo aqueles mais tímidos ou as crianças pequenas. Ouvimos feedbacks dos convidados e pais que foram bem especiais. Muitas pessoas se emocionaram; uma atmosfera de muita luz foi criada durante e após a apresentação da peça.

Uma vovó falou:

-É muito bom ver que as crianças estão sendo educadas em uma nova consciência.

Depois eu perguntei para ela sobre a que referia e ela respondeu: *“essa nova consciência eram os valores humanos que são universais, que não tem raça, nem religião e nem classe social que estão sendo passados para as crianças através da arte e da possibilidade delas aprenderem e se expressarem por si só”*.

Pelo fato de a apresentação ter sido durante o encerramento do ano letivo, ficou faltando um fechamento do processo, encontrar-nos novamente na intimidade da sala de aula para refletir e expressar os sentimentos acerca da apresentação. Depois de algo grandioso, ficou em suspenso a finalização do ano escolar. Foi um processo que teve vários momentos entre a respiração e a inspiração, o ir para fora e para dentro, porém terminou com o fora, não podendo voltar para dentro.

Relembrando a apresentação do teatro com um pai de aluno do segundo ano que atualmente está na turma de terceiro e quarto anos multiseriada, ele deu o seguinte depoimento:

*“Acredito que a atividade de teatro realizada no final do ano de 2012, como encerramento do ano letivo foi um momento marcante e inesquecível. Ver nossas crianças atuando numa peça de teatro de forma espontânea e descontraída gratifica e enche os nossos corações de emoção. Foi uma peça com vários cenários e momentos de descontração. Víamos as crianças curtindo o que estavam fazendo, demonstrando extrema atenção nas falas e nas ações. Realmente um momento único, que encerra lindamente aquele ano letivo”* (Depoimento dado em março de 2013).

No início da aula em março de 2013 fizemos uma recapitulação sobre a peça. A apresentação aconteceu há cerca de setenta dias atrás, antes das férias; eles foram recontando a estória e depois escreveram uma reflexão acerca do que é amizade, coragem e bondade para eles. Foi interessante observar que em alguns momentos, eles misturavam as duas estórias que foram encenadas, a do príncipe das virtudes e o conto da rainha das abelhas, mesmo assim, foi um processo bem interessante da turma, onde eles relembrou os seus papéis e relembrou a história do colega que não quis apresentar a peça da rainha das abelhas na última hora. Eles lembraram com saudades do colega que se mudou para outra cidade.

Vale ressaltar que a peça do príncipe das virtudes foi apresentada em dezembro de 2012 e a Rainha das abelhas há mais tempo, em junho de 2012 e que em nenhum momento da conversa a pesquisadora lembrou o teatro de junho, a lembrança deste momento foi espontâneo e partiu deles. Apresentamos alguns textos escritos pelos estudantes, após o resgate da dramatização. A pergunta era o que significa para eles amizade, bondade e coragem:

*“Para mim, amizade é por exemplo meu amigo esta com muito frio e eu também to com muito frio mais ele ta com mais frio e eu tenho um agasalho e eu to com mais frio e eu do o meu agasalho para ele. Pra mim coragem e plantar em uma terra de um omem muito bravo para salvar um amigo. Para mim bondadi é ajudar um amigo quando ele estiver doente”* (aluno K).

*“Sobre amizade: amizade é compartilhar com os amigos e as amigas. Coragem é paçar o mar só para salvar um amigo no meio de uma ilha sendo quaze queimada”* (aluno B)

*Amizade- afeição, simpatia, amor, dedicação, benevolência (ele procurou no dicionário. Para as outras ele concluiu a partir dele). Coragem=enfrentar os medos. Bondade=ser amigo uns com os outros (aluno D).*

*Amizade- compartilhar, ajudar, cuidar e rir junto. Coragem-fazer coisas perigosas. Não si importar com as consequências. Bondade-ser legal, amiga, si o outro precisa você da (aluno J).*

*“Amizade é ajudar um carente. Ser amigo. Coragem: salvar uma pesoua. Bondade: Plantar arvores no mundo inteiro” (aluno E).*

Após a conversa e o resgate acerca do teatro eles pediram para que fizéssemos outra dramatização, a qual ficamos de pesquisar e trazer sugestões para a sala de aula.

### **Considerações finais:**

A presente pesquisa visou observar a prática do professor ao contar contos, lendas, fábulas ou mitos em sala de aula de forma pedagógica e constatar se estes podem contribuir para o desenvolvimento em diversos âmbitos da criança, atuando como ferramenta para uma educação integral. As atividades realizadas foram a narração de estórias com temas específicos, dramatização de contos, desenhos direcionados sobre os contos, lendas, mitos e fábulas, e a comparação destes em momentos diferentes, textos com a recapitulação das estórias, recapitulação das estórias feitas oralmente, conversas e reflexões sobre as estórias narradas e observação das crianças.

Através das práticas realizadas, foi possível averiguar que as narrativas atuaram no âmbito do pensar, do sentir e do querer das crianças e em seu desenvolvimento integral, que contemplam essas qualidades anímicas do ser humano. Quando se fala em qualidades anímicas é no sentido etimológico da palavra animus que significa alma, **ânimo**, vontade. A cada dia esses três âmbitos do ser foram contemplados através das narrativas e atividades realizadas acerca dessas.

As crianças sentiram as histórias, refletiram sobre elas e através de sua capacidade imaginativa e da riqueza de imagens e sensações proporcionadas pelas narrativas o seu querer foi ativado a cada dia.

Incluir toda essa diversidade de narrativas no dia a dia escolar da criança, utilizando estórias adequadas para cada fase de desenvolvimento, levando em conta os processos que estas se encontram vai além de sua aprendizagem cognitiva e atua em outras partes do ser humano que não são contempladas se estas forem trabalhadas somente no âmbito do intelecto e somente através da transmissão de conhecimento e de memorização destes. O intelecto é um dos aspectos a serem trabalhados na escola, porém não é o único. É preciso que exista um movimento de respiração, de inspirar e expirar na sala de aula, ao mesmo tempo, dando a oportunidade para a criança pensar, sentir, querer e vivenciar os processos de aprendizagem por inteiro, em todos os âmbitos do seu ser; a aprendizagem precisa contribuir para o desenvolvimento das crianças de forma integral e trazendo vitalidade. Acreditamos que o pensar não é algo abstrato, pronto, cheio de conceitos; o pensar deve estar conectado com o sentir que deve estar permeado pelas forças do querer.

Os contos, as lendas, as fábulas e os mitos trazem outros elementos que enriquecem a aprendizagem e o desenvolvimento infantil; a criança, especialmente no primeiro e segundo setênio consegue aprender através da formulação de imagens, mas não são imagens visuais, senão que elas brotam de seu próprio imaginário a partir da capacidade destas de formulá-las.

Através da pesquisa realizada foi possível observar que as narrativas atuam como um elemento que alimenta a vitalidade das crianças em todo o seu ser, e dessa forma, atuam como uma ferramenta para a educação integral. Através dos desenhos, dramatizações e recontos foi possível observar bem de perto o processo de vitalização e de organização interna das crianças; é claro que cada criança está em um processo e tem um ritmo de aprendizagem diferente. Para alguns o processo foi contínuo e crescente, para outros crescente e decrescente e depois crescente novamente; para outros organizar os pensamentos de forma linear era um grande desafio que foi sendo superado a cada dia; isso também em relação aos desenhos, que para alguns começaram totalmente crus e desvitalizados e a partir das narrativas, gradativamente, foram tornando-se cada vez mais rico em detalhes, mais bonito, harmônico e relacionado às histórias.

Especialmente nos dois primeiros setênios do desenvolvimento humano, a criança precisa de alimentos anímicos que auxiliem em seu crescimento e que atuem como elementos de vitalidade para um desenvolvimento integral. Se enchermos a



criança com conceitos e pensamentos prontos, e ao mesmo tempo, abstratos, estes vão “endurecendo” o seu intelecto e perdendo vitalidade. Nos dias de hoje as crianças tem acesso livre a imagens prontas, em um ritmo quase frenético, seja na televisão, computador, videogame, etc. O seu imaginário vai ficando como uma “certa preguiça” e com vícios de figuras relacionadas a esses jogos e filmes.

Foi possível observar que através das narrativas as crianças foram criando espaço em seu interior para sua própria capacidade imaginativa, não como algo pronto, mas como algo que brota a partir de seu interior. Esse processo criou novamente beleza, vitalidade e uma alegria que não necessita de recursos externos, mas que brota da criança. As narrativas proporcionaram esse brotar da criatividade, além de propiciar que esse ambiente interior da criança esteja pronto para a aprendizagem.

Através das narrações são apresentados conteúdos que falam diretamente à alma infantil e que contribuem para a vitalidade em seu pensar, sentir e querer atuando diretamente na criança em idade escolar. Estas precisam estar em equilíbrio para que possam ter as devidas forças para o sua aprendizagem, desenvolvimento e evolução.

Ao longo do ano de 2012 foram acompanhados inúmeros processos que se manifestaram em sala de aula através das narrativas, onde o aluno teve condições de se expressar de maneira mais profunda do que falar com palavras, assim como a pesquisadora também, pois através das narrativas, nós “falamos” as crianças de maneira profunda e impessoal. Além disso, foi possível observar que estas falam tocaram diretamente à alma infantil que irão reverberar na criança por muito tempo.

Contudo, uma pesquisa tem começo, meio e não tem um fim, pois sempre é possível que o pesquisador se depare com novos sujeitos, situações e referenciais. No caso das histórias existem possibilidades riquíssimas de narrativas que se aproximam da realidade das crianças e que podem e devem ser trazidas para a sala de aula, como por exemplo, a sugestão da professora Rosângela em relação à utilização da mitologia Iorubana, que muito tem a ver com a realidade brasileira e não encontra espaço nas escolas de nosso país. Muito me interessa enquanto professora pesquisadora de histórias aprofundar-me nesse universo.

## Referências bibliográficas:

PASSERINI, Pecci Sueli. *O fio de Ariadne-um caminho para a narrativa de histórias*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1998.

LANZ, Rudolf. *A PEDAGOGIA WALDORF - caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Ed. Summus, 1979.

RITCHER, Tobias (editor). Tradução: LANZ, Rudolf. *Objetivo pedagógico e metas de ensino de uma escola Waldorf*. São Paulo, Federação das escolas Waldorf no Brasil.

STEINER, Rudolf. *A educação segundo a ciência espiritual*. Tradução LANZ, Rudolf. 3º ed. São Paulo: antroposófica, 1996.

STEINER, Rudolf. *A arte da educação III*; tradução de LANZ, Rudolf- São Paulo- Antroposófica, 1999.

BERTALOT, Leonore. *Criança querida: o dia-a-dia da alfabetização*. Ed. Antroposófica: Associação comunitária Monte Azul, 1995.

ZORIK, Mário. *Manual para educadores da juventude*. Associação comunitária Monte Azul.

ANDRÉ, Marli Elisa D. A. ; LUDKE, Menga. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Contos dos irmãos Grimm*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tanuri- "*Criança brincando! Quem a educa?*-São Paulo: João de barro editora, 2007.

*Contos para as crianças*. Escola livre Manacá. São Paulo, 2005.

<http://www.graudez.com.br/litinf/autores/grimm/grimm.htm>

<http://www.sab.org.br/steiner/biogr.htm>

<http://www.sab.org.br>

## **Perspectivas profissionais futuras**

Para mim é difícil falar do futuro, sem neste caso, falar do presente, da importância desse momento enquanto educadora, enquanto ser humano em processo de evolução e autoconhecimento, enquanto mãe, mulher, enfim, tudo o que sou aqui e agora.

Cada momento dedicado ao presente trabalho teve significado, em cada linha tem vida, tem respiração, observação, reflexão e inspiração para práticas futuras. Olhar com uma lente bem de pertinho tudo o que foi intensamente vivenciado, todo o material humano, todas as reflexões, todos os desenhos que foram analisados colocaram-me em contato direto com o meu trabalho. Rever e reavivar dentro de mim todo o conhecimento estudado acerca da pedagogia Waldorf foi vitalizante.

As minhas perspectivas futuras são voltadas para a área da educação, sem sombra de dúvidas. Para mim está cada vez mais claro que a minha missão enquanto ser humano está totalmente vinculada a escola, à educação, as crianças e jovens.

Ainda dentro desse prisma, tenho como perspectiva profissional contribuir para o fortalecimento da Escola Vila Verde para que esta possa fazer a diferença na vida daqueles que por ali passarem, procurando trabalhar sempre com integridade, princípios, alegria e amor, compondo e somando na busca da identidade desta, assim como na descoberta de que sujeito almejamos como alunos. Para isso, penso na união de todos para a reestruturação do PPP da escola através de estudos sobre temas diversos e/ou específicos, trazendo a consciência do grupo pedagógico sobre a importância de incluirmos a prática das narrativas em nosso currículo escolar, pesquisando materiais específicos correspondente para cada ano escolar.

Para mim, o que ficou do presente trabalho tem muito significado e relevância. Somente ficou uma vontade, que não pôde ser saciada porque ainda não era o momento: aprofundar no conhecimento sobre o sujeito ecológico e trazer esse sujeito para dentro de mim e conseqüentemente para a prática educativa.

## ANEXOS

### **\*O Burrinho (irmão Grimm):**

Era uma vez, onde foi e onde não foi, um rei e uma rainha muito ricos. Tinham tudo o que podiam desejar, menos filhos. A rainha queixava-se noite e dia:

-Sou como um campo onde nada cresce.

Finalmente Deus satisfez os seus desejos.

Mas quando a criança veio ao mundo, não tinha aspecto de ser humano, mas o de um burrinho. Desesperada a mãe irrompeu em lágrimas e queixas e exclamou que preferiria ter ficado sem filhos a ter ganhado um burro. Mandou atirá-lo ao rio para que os peixes o devorassem, porém o rei interveio:

-Não! Já que Deus o enviou, ele será meu filho e herdeiro. Após a minha morte, subirá ao trono e usará a coroa real!

Criaram pois o burrinho. Ele foi crescendo e assim, também as suas orelhas: altas e retinha que eram uma beleza. Além disso, tinha um gênio alegre, saltava e brincava por toda a parte. Logo demonstrou um gosto especial pela música, a tal ponto que procurou um mestre famoso e foi logo dizendo:

-Ensina-me tu a tua arte, pois quero tocar alaúde tão bem como tu.

-Ah, meu pequeno senhor, -suspirou o músico- vai ser difícil. Vossos dedos são impróprios e, além disso, muito grandes. Temo que as cordas não aguentem.

Mas de nada serviam as suas evasivas. O Burrinho manteve-se firme no que decidira. Estudou com vontade e aplicação. Até que por fim tocava o alaúde tão bem quanto o mestre. Um dia o jovem o jovem senhor saiu à passeio , pensativo, até que chegou junto a um poço e ao olhar-se nas águas claras, viu refletida a sua imagem de Burrinho.

Em vista disso, ficou tão triste que resolveu correr o mundo, levando consigo somente um companheiro fiel. Andaram de um lado para o outro e, por fim, chegaram a um reino governado por um belo rei, que tinha uma filha única, belíssima. O Burrinho disse:

-Ficaremos aqui.

E, batendo no portão, gritou:

-Há um hóspede aqui fora. Abram a porta e deixem-no entrar.

Como ninguém o atendeu, sentou-se e pôs-se a tocar o alaúde docemente com as patas dianteiras. Vendo aquilo o porteiro arregalou os olhos, correu ao rei e disse:

-Do outro lado do portão há um Burrinho tocando o alaúde como um grande mestre.

-Deixe entrar o músico, respondeu o rei. Mas, ao verem entrar um burrinho, todos começaram a rir. Decidiram que o Burrinho deveria sentar-se no porão com os criados para comer, mas ele protestou:

-Não sou um Burrinho comum de estrebaria. Sou um nobre!

-Neste caso senta-te com os soldados- disseram-lhe.

-Não, quero sentar com o rei.

O rei começou a rir e disse, bem humorado:

-Pois faça-se como me pedes, Burrinho. Ficas ao meu lado.

Em seguida perguntou:

-Burrinho, que tal achas de minha filha?

O Burrinho voltou a cabeça a olhá-la e, fazendo um gesto de aprovação, respondeu:

-É tão linda quanto jamais vi outra.

-Então podes sentar-te ao lado dela-Disse o rei.

-Com muito gosto!-exclamou o Burrinho. E sentou-se ao lado da princesa, comeu e bebeu, comportando-se com finura e correção.

Tendo já passado algum tempo na corte desse rei, o Burrinho pensou: “De que me adianta tudo isso, tenho que voltar para casa”.

E, triste e cabisbaixo, foi ao soberano para despedir-se. Mas o rei, que já tinha criado um grande afeto por ele, disse-lhe:

-O que há meu Burrinho? Você parece azedo como o vinagre. Fica comigo e te darei o que pedires. Queres ouro?

-Não!-respondeu o Burrinho, sacudindo a cabeça.

-Queres riquezas e joias?

-Não!

-Queres a metade do meu reino?

-Oh, não!

-Ah, se eu pudesse imaginar o que te faria feliz! Exclamou o rei.

-Quem sabe casar-se com a minha filha?

-Oh, sim-exclamou o Burrinho. -Isto bem que quero.

Em seguida ficou alegre e disposto, pois era o seu maior desejo.

Celebrou-se então uma esplêndida festa de casamento. À noite, quando os noivos foram conduzidos para os seus aposentos, o rei, querendo saber se o Burrinho se comportava com gentileza e correção, ordenou à um criado que se escondesse no quarto.

Quando os recém casados estavam no dormitório, o noivo correu o ferrolho da porta, olhou ao redor e, supondo que estavam sós, tirou de repente a pele de burro, transformando-se num belo jovem de porte real.

-Agora estás vendo quem eu sou, e vêes que não sou indigno de ti.

A noiva ficou muito alegre, beijou-o e gostou dele com todo o coração. Mas, ao chegar a manhã, ele pôs novamente a pele de burro, de modo que ninguém pode suspeitar quem se ocultava embaixo dela.

Não tardou em aparecer o velho rei, exclamando:

-Vejam só, o Burrinho já se levantou! Mas tu- prosseguiu dirigindo-se à sua filha-Deves estar bem triste por não teres um marido igual aos outros.

-Oh, não meu pai!-respondeu ela-gosto muito dele. Quero ficar com ele o resto da minha vida.

O rei ficou surpreso, mas o criado, que se havia escondido, chegou a ele e revelou tudo.

-Não pode ser verdade!-exclamou o rei.

-Pois espia na próxima noite e vê com seus próprios olhos- disse-lhe o criado- e dou-lhe um bom conselho, senhor rei: tira-lhe a pele a joga no fogo. Assim ele será obrigado a apresentar-se em sua forma verdadeira.

-É um bom conselho-concordou o rei.

À noite, enquanto dormiam, o rei entrou de mansinho no quarto, e ao aproximar-se da cama, pôde ver, a luz do luar, um belo jovem adormecido. A pele de burro estava estendida no chão. Apanhou-a e saiu. Em seguida mandou acender uma fogueira bem grande e nela jogou a pele. E não se afastou do fogo até que a pele do burro estivesse completamente queimada e reduzida a cinzas. Querendo ver o que faria o príncipe ao despertar, passou a noite toda em vigia, com o ouvido atento. Ao clarear do dia, o jovem saltou da cama para meter-se na pele do burro, mas não a encontrando em parte alguma, assustou-se e exclamou tristemente:

-Agora só me resta fugir.

Mas quando ia saindo, encontrou o rei e este lhe disse:

-Meu filho, aonde vai com tanta pressa? Fica aqui.

És um homem tão belo que não desejo perder-te. Te darei a metade de meu reino e quando eu morrer, ficarás com o resto.

-Pois o que teve um bom princípio, que tenha um bom fim- respondeu o rapaz e disse ao rei:

-Ficarei convosco.

E o velho rei deu-lhe a metade do reino. Quando, depois de um ano, morreu o velho e bondoso rei, deixou-lhe o restante. Além disso, com a morte de seu pai, ganhou mais um reino. E, assim, viveram muito felizes.

**\*A Rainha das abelhas(irmãos Grimm):**

Conto de autoria dos irmãos Grimm, traduzido do original por Ruth Salles (ver em anexo).

Certa vez, dois filhos de rei saíram em busca de aventuras e se entregaram a uma vida tão desregrada e dissoluta que nem se lembravam de voltar para casa. O mais moço, que era chamado de Bobo, saiu à procura de seus irmãos; quando finalmente os achou, só ouviu caçoadas, porque, sendo tão ingênuo, pensava em vencer na vida, enquanto eles, muito mais espertos, não tinham conseguido.

Os três puseram-se a caminho juntos e chegaram a um formigueiro. Os dois mais velhos quiseram remexer nele para ver as formigas fugirem alvoroçadas carregando os próprios ovos, mas o bobo lhes disse:

- Deixem os bichinhos em paz, eu não suporto que vocês lhes façam mal.

Então eles continuaram andando e chegaram a um lago onde nadavam muitos, muitos patos. Os dois irmãos queriam pegar alguns para assar, mas o Bobo não consentiu e disse:

- Deixem os bichinhos em paz, eu não suporto que eles sejam mortos.

Por fim, chegaram a uma colmeia, onde havia tanto mel que escorria pelo tronco da árvore. Os dois quiseram acender fogo embaixo para sufocar as abelhas e poder tirar o mel.

O Bobo tornou a impedir, dizendo: - Deixem os bichinhos em paz, eu não suporto que eles sejam queimados. Afinal, os três irmãos chegaram a um castelo. Nas cavalariças havia cavalos de pedra, e não aparecia pessoa alguma. Eles passaram por todas as salas até que, no fim, encontraram uma porta com três fechaduras. No meio da porta havia, porém, um buraco por onde se podia espiar o aposento.

Viram lá dentro um homenzinho grisalho, sentado diante de uma mesa. Eles o chamaram uma, duas vezes, mas o homenzinho não ouviu. Quando o chamaram pela



terceira vez, ele se levantou, abriu as fechaduras e saiu. Não disse uma palavra, mas os levou a uma mesa ricamente preparada.

Tendo os três comido e bebido, ele conduziu cada um a seu quarto de dormir. Na manhã seguinte, o homenzinho grisalho chegou-se para o mais velho, acenou chamando-o e o guiou até uma placa, onde estavam escritas três tarefas que poderiam desencantar o castelo.

A primeira dizia que no bosque, debaixo do musgo, estavam as pérolas da filha do rei, em número de mil, que precisariam ser catadas; e, ao pôr do sol, se ainda faltasse só uma, a pessoa que as procurava se transformaria em pedra. O mais velho foi e procurou o dia inteiro. Como, porém, o dia chegou ao fim e ele tinha achado só cem pérolas, aconteceu o que estava escrito na placa, e ele se transformou em pedra. No outro dia, o segundo irmão assumiu a tarefa, mas não se saiu melhor que o mais velho, pois só achou duzentas pérolas e ficou transformado em pedra.

Por fim chegou a vez do Bobo, que procurou no musgo; mas era tão difícil encontrar as pérolas e demorava tanto, que ele se sentou numa pedra e chorou. Nisto, apareceu o rei das formigas, cuja vida ele salvara. Vinha acompanhado de cinco mil formigas. Não demorou muito, e os bichinhos acharam todas as pérolas e as amontoaram ali.

Mas a segunda tarefa era ir pegar, no fundo do lago, a chave do quarto da filha do rei. Quando o Bobo chegou ao lago, vieram nadando os patos que ele uma vez salvara, mergulharam e pegaram a chave lá no fundo.

A terceira tarefa era a mais difícil, pois das três filhas de rei que estavam dormindo ele devia escolher a melhor. Elas eram, porém, completamente iguais, não tendo nada que as distinguisse uma da outra, a não ser por terem comido, antes de dormir, três doces diferentes: a mais velha, um torrão de açúcar; a segunda, um pouco de melado; a mais moça, uma colherada de mel. Então chegou a rainha das abelhas, que o Bobo havia protegido do fogo, e foi provando da boca de todas três; por fim ficou pousada na boca da que havia comido mel, e assim o Bobo reconheceu qual era a filha de rei certa.

Com isso, o feitiço se desfez, tudo no castelo despertou daquele sono, e quem tinha virado pedra retomou sua forma. O Bobo se casou com a mais jovem e melhor

filha do rei e, depois que o pai dela morreu, ele ficou sendo o rei; seus irmãos, porém, casaram-se com as outras duas irmãs.

A música do teatro era assim:

A terra é nossa mãe devemos cuidar dela

A terra é nossa mãe devemos cuidar dela

Unidos minha gente somos um

Unidos minha gente somos um

Seu solo é sagrado e sobre ele andamos

Seu solo é sagrado e sobre ele andamos

Unidos minha gente somos um

Unidos minha gente somos um

(Música indígena de autoria desconhecida)

### **\*Krishna e o menino amedrontado:**

Quando Krishna, ainda bem novo, conseguiu matar o seu tio, que era o rei mais malvado que madura já tinha conhecido, o seu avô (pai do tio de Krishna), assim como a sua mãe verdadeira e seu pai, que estavam por todos esses anos presos no calabouço, foram libertados e o avô de Krishna voltou a reinar com bondade e sabedoria.

Krishna passou a morar no castelo com seus verdadeiros pais e seu avô, que pensava que estava velho e que Krishna iria substituí-lo no cargo de rei; O jovem Krishna, porém foi ficando triste, pois achava que não tinha nenhum preparo para a função de rei. Todos achavam que ele estava com saudades de sua família que o criara; o avô mandou buscar seus pais de criação e seu irmão Balarama para morar no castelo; Krishna ficou muito feliz, mas a tristeza voltou.

O avô perguntou por que ele estava tão triste e ele disse que não poderia ser rei, pois era um simples vaqueiro, humilde, que não sabia nem ler e nem as artes da guerra.

O avô falou que conhecia uma escola, um ashram, como são chamadas algumas escolas na Índia, onde havia um professor que iria ensinar tudo isso para ele e seu irmão.

Era uma escola para Brâmanes, príncipes e meninos, porém todos eram iguais, todos eram responsáveis pela manutenção do espaço, limpavam, arrumavam, faziam limpeza, vestiam-se humildemente, faziam comida e aprendiam a ler, escrever assim como as artes da guerra com o professor que era como um pai para os meninos que ali estudavam e moravam por muitos anos.

Do outro lado da floresta morava um menino franzino com sua mãe, que o criava sozinha. Um dia ela estava no povoado e começou a chorar, pensando que ela era muito doente e que se um dia faltasse, seu filho iria ficar só.

O professor que estava no povoado nessa hora viu a pobre mulher chorando e perguntou o que havia acontecido; ela contou para ele e este prontamente se comprometeu a cuidar do menino em seu ashram, porém, ao invés de se alegrar, esta chorou ainda mais, dizendo ao professor que a ideia de passar todas as noites longe de seu filho lhe doía o coração; o professor então falou a ela que ele poderia abrir uma exceção e permitir que seu filho voltasse todas as noites para a casa, do outro lado da floresta.

Quando a mãe contou para o filho este ficou muito feliz, porém apavorado com a ideia de atravessar a floresta sozinho; ele tinha pânico dos tigres que habitavam principalmente em seus pensamentos. A mãe então combinou então que levaria e buscaria todos os dias o filho na escola. Assim aconteceu até o dia em que a mãe do menino caiu doente a ponto de quase morrer; a única chance era buscar o remédio com o professor, que era grande conhecedor das ervas que havia na floresta.

O menino teria que atravessar a floresta só e essa ideia o deixou paralisado; a mãe, antes que seu filho saísse falou para ele pedir ajuda para Krishna. O menino já havia ouvido falar desse outro menino, que era um menino vaqueiro que tinha libertado o povo de Madura das maldades do rei Kans, porém não fazia ideia como este poderia ajudá-lo.

Entrou na floresta, mas começou a ouvir ruídos que tinha certeza de que eram de um tigre que iria cravar as unhas no seu pescoço; ficou tão apavorado que o medo o paralisou e ele ficou imóvel na floresta, sem conseguir mexer-se, dominado pelo pânico.

Lembrou-se do conselho de sua mãe e chamou Krishna; na mesma hora apareceu um menino que estudava no ashram junto com ele e que era conhecido com Kahna; este apareceu como uma estrela luminosa azul e o ajudou a levantar-se; o menino contou

tudo a ele e eles correram ao ashram para buscar o remédio; contou sobre a sua mãe o professor, que preparou o remédio e os dois meninos correram até o outro lado da floresta onde ficava a casa do menino e sua mãe.

### **\*O príncipe das virtudes (Professoras Gita e Índiah):**

Era uma vez, onde foi e onde não foi, em um reino muito distante, um rei e uma rainha que tinham dois filhos. Eles eram criados com o bom e o melhor que pudesse existir naquele reino.

Eles tinham as roupas mais finas, as pedras mais preciosas, os brinquedos mais instigantes e as melhores comidas que alguém pudesse desejar. Enfim, todos os seus desejos eram realizados por seus pais e os súditos do reino.

Eles tinham também cinco grandes amigos que viviam junto com eles no castelo; os príncipes e seus amigos tinham uma profunda amizade entre eles e desfrutavam das belezas daquele castelo, onde cresceram juntos, sem conhecer outros lugares, pois essa era a única regra que eles precisam cumprir. A ordem do rei e da rainha era que ninguém poderia sair do castelo, em hipótese alguma.

Assim como os príncipes, os amigos também tinham curiosidade de saber o que tinha do outro lado dos muros do castelo; o rei e a rainha queriam poupá-los a todo o custo de conhecerem a realidade fora dos muros do castelo, onde nem tudo era tão “perfeito” como lá dentro.

Um dia como todos os outros, um dos meninos percebeu que os portões estavam abertos e chamou os amigos:

-E se a gente fosse lá fora só dar uma espiadinha?

-É, acho que ninguém vai perceber...

E assim os cinco meninos, sem serem notados, saíram pelos portões do castelo em busca de algo que não conheciam.

Ao chegarem ao povoado, nas redondezas do castelo viram um mundo diferente, com pessoas conversando, crianças brincando, pessoas velhas, novas, saudáveis, doentes, bonitas, feias, enfim, uma grande diversidade de informações que não

conheciam. Eles não resistiram em entrar na brincadeira de pular corda que as crianças do povoado estavam brincando. Brincaram bastante, mas perceberam que era hora de voltar ao castelo.

Quando lá chegaram, a guarda real, o rei e a rainha os aguardavam. O rei, com pesar teve que fazer a lei se cumprir e, sem nem se despedir de seus amigos príncipes, os meninos foram mandados embora do castelo, sem deixar rastros.

A partir desse momento, o castelo perdeu o seu encanto, seu brilho e tornou-se triste, sem calor, especialmente para os meninos príncipes, que sentiam saudades profundas de seus amigos e companheiros; tudo que eles iam fazer, vestir, brincar ou comer eles se lembravam de seus amigos e nada tinha mais brilho.

Em uma madrugada iluminada pelo brilho da lua cheia, os meninos acordaram e resolveram que precisavam ir atrás de seus amigos; como se um encantamento estivesse acontecido, os portões do castelo se abriram e os guardas não os viram passar. Eles correram em direção ao povoado e os portões novamente se fecharam.

Rodaram pelo povoado, esperando o amanhecer do dia e observando os feirantes que chegavam para montar as suas bancas repletas de frutas, doces, tapetes e especiarias. Os meninos observavam as crianças a brincar e as pessoas conversando e andando freneticamente. Tudo era muito diferente do que eles conheciam.

Em algum momento eles sentiram fome e, pensando que tudo era como no castelo, aproximaram-se de uma banca repleta de frutas suculentas e foram servindo-se. O feirante não entendendo nada gritou aos soldados:

-Pega ladrão!!!

E os guardas puseram a persegui-los sem parar. Os meninos que sabiam correr agilmente conseguiram escapar dos soldados que os perderam de vista.

Quando despistaram os soldados chegaram à beira de uma floresta escura, que não tinha luz nem de dia, com a luz do sol e nem de noite, com a luz da lua; qualquer um que tentasse atravessá-la estava condenado a se perder naquele labirinto de enormes árvores entrelaçadas.

Os meninos sabiam que eles não tinham escolha: se voltassem para trás, os guardas os pegariam e eles acabariam tendo que voltar para o castelo e se, eles entrassem na floresta, acabariam perdidos na escuridão. Sentaram-se, pois estavam exaustos e ficaram em absoluto silêncio, como se esperassem alguma instrução.

Nesse momento o céu iluminou-se com uma forte luz. Lá de cima chegou uma águia dourada, mensageira de terras muito distantes que veio fazer um comunicado para os meninos:

-Voei por longa distância para avisá-los que, se quiserem encontrar os seus amigos e resgatá-los vocês precisarão dar três provas: uma de amizade, uma de coragem e uma de bondade.

Para cumprir essas provas vocês receberão auxílio da mãe terra, que me mandou como mensageiro e mandará outros ao longo da caminhada de vocês. Agora, eu preciso ir.

-Espere!!!

-Tenham fé que a mãe terra irá ajuda-los...

E assim a mensageira dos ares partiu sem deixar rastros.

Os meninos, sem saber qual o próximo passo, aguardaram em seu profundo silêncio. A mãe terra novamente se manifestou e mandou seus guardiões noturnos, mais de mil vagalumes que iluminaram a floresta.

-Nos sigam que vamos levá-los ao outro lado da floresta.

Os meninos os seguiram e conseguiram chegar ao outro lado; agradeceram aos vagalumes e estes foram embora. Lá havia uma casinha muito velha, fria e feia. Eles foram ver o que havia lá e para a surpresa deles, um de seus amigos estava lá, deitado, fraco e doente. Eles ficaram felizes de encontra-lo e surpresos de vê-lo assim, tão doente e fraco.

Os meninos tiraram todos os agasalhos que tinham e aqueceram o amigo e deram o pouco alimento que ainda lhes restava para que ele comesse. O menino, que mal podia falar, disse:

-É preciso que vocês resgatem os outros, que estão do outro lado do oceano; atravessar o oceano é muito perigoso; vão com cuidado.

Assim os dois príncipes saíram até a beira do mar, fizeram um barco improvisado e por muitos dias estiveram em alto mar, enfrentando baleias, tubarões, tempestades e grandes ondas, até chegarem novamente em terra firme. Quando lá chegaram, admiraram-se com a devastação daquele lugar. Tudo estava queimado, destruído e bagunçado. Ao longe avistaram uma casa cheia de grades, e ao chegarem perto dela viram mais dois de seus companheiros, acorrentados naquele lugar.

Eles se alegraram com o encontro.

-O que aconteceu por aqui?

-O dono dessa terra é um homem muito cruel, que aprisiona todos os que aqui chegam, mata os animais e queima as florestas, gostando de viver no meio da devastação e da tristeza. Quando aqui chegamos fomos aprisionados por ele.

-Nós vamos ajudá-los. Temos muitas sementes em nossa bolsa e vamos replantar toda essa terra novamente.

-É muito perigoso. É melhor vocês irem embora!

-Não temos medo. Vamos ficar e fazer o nosso trabalho.

Os dois meninos plantaram incessantemente durante todo o dia, mas não plantaram nem um terço da terra e logo o dono iria chegar; eles pararam para descansar e pensar em algo para conseguirem plantar a terra toda.

Nessa hora, mais uma vez, a mãe terra mandou reforços. Chegaram aos montes, uma revoada de borboletas que obedeciam ao comando da rainha das borboletas.

-Nós vamos ajuda-los a plantar a terra toda.

E assim, príncipes e borboletas realizaram uma cura naquela terra governada pela crueldade e devastação. Agradeceram às borboletas e foram ter com seus amigos.

O dono estava se aproximando e os amigos alertaram:

-Vão embora rápido. Os nossos outros amigos estão esperando por nós do outro lado daquelas montanhas geladas.

-As mais altas montanhas do planeta terra. Atravessem elas e os resgatem antes que o dono das terras chegue e os aprisione.

Os meninos príncipes andaram por muitos dias, enfrentando o gelo, frio, o vento, o cansaço e a fome, até que chegaram ao outro lado daquela gigantesca cadeia de montanhas geladas.

Chegando lá, encontraram os outros dois amigos. Esses estavam sem esperança e cheios de tristeza; o coração deles, ao verem seus amigos vindos de tão longe para resgatá-los, encheu-se de esperança e gratidão; o coração dos príncipes também se encheu de alegria e gratidão ao reencontrarem os seus amigos. Eles agradecerem muito o auxílio da mãe terra para chegarem lá e tomaram o caminho de volta para casa.

Os quatro atravessaram novamente as montanhas, já não tão desconhecidas para eles e enfrentaram muitos perigos, mas conseguiram chegar ao outro lado. Quando lá chegaram, para a surpresa deles, as terras estavam verdes e cheias de brotos e vida; seus amigos estavam livres.

-O que aconteceu aqui?

-O dono das terras chegou e tentou destruir tudo novamente, mas quanto mais ele queimava e destruía, mais a terra florescia e não cessava de florescer. As correntes de todos foram se abrindo e o dono das terras foi banido daqui. Agora estamos livres para partir com vocês.

Os meninos novamente improvisaram um barco, atravessaram o oceano, com ondas, tempestades, tubarões e animais perigosos e chegaram em terra firme.

Encontraram seu quinto amigo, já fortalecido. O coração de todos se encheu de alegria, coragem, gratidão, bondade e amizade. Estavam todos juntos novamente.

-Olá amigos!!!Quando vocês saíram daqui, o alimento que deixaram e os agasalhos me curaram; agora estou forte novamente para seguir com vocês.



Assim os cinco amigos tomaram o caminho de volta para casa. Chegaram à beira da floresta escura e foram novamente auxiliados pelos vagalumes que os levou ao outro lado da floresta escura. Eles agradeceram aos amigos e voltaram ao castelo.

Ao chegarem lá todos os aguardavam ansiosamente. O rei disse:

-Quando vocês foram embora, levaram junto toda a alegria, luz e calor desse castelo.

-As pessoas adoeceram de tristeza e nada mais florescia por aqui. Disse a rainha.

A partir desse dia, os portões do castelo nunca mais se fecharam e os príncipes passaram a reinar, cuidando das pessoas, animais e plantas de todo o reino, sempre buscando levar consolo, esperança e sabedoria para os necessitados e sempre atentos às necessidades de seu povo.

Naquela noite teve uma grande comemoração, onde todos cantaram e dançaram ao redor de uma enorme fogueira que anunciava a volta da luz para aquele reino.

Músicas:

Abertura(flauta)

“Somos todos de uma família,

Somos todos de uma família,

Família de amor, família de amor...”

Música dos vagalumes:

“No ritmo do vagalume,

Harmonia pura

Estrela do mato, brilha ao meu lado

Estrela do mato, brilha ao meu lado...”

Borboletas:

“Borboleta azul, brilha pelo céu

Brilha pelo ar

Colorindo os campos, campos multicores...”

**Momento da gratidão:**

“Só pense no bem que se manifestará,

Só pense no bem que se manifestará,

Só pense naquilo que quer que aconteça,

Só pense naquilo que quer que aconteça,

Eu e você somos um, esse é o bem maior,

Juntos somos um, esse é o segredo do amor...”

**Canção ao redor da fogueira:**

“Vamos dar as mãos,

Celebrar toda nação,

Terra,sol, céu e mar

Arco íris pelo ar...

Voando de cor em cor

Nas asas de um beija flor

Colorindo as manhãs

Arco íris de amor,

Pela paz, pela paz,

Arco íris pela paz,

Pela paz, pela paz,

Arco íris pela paz!”

